



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»  
Redação, administração e Oficinas  
RUA DO SÉCULO, 40—LISBOA  
Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL  
DE TIPOGRAFIA  
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS  
PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-  
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00.  
Ano 52\$00—COLONIAS PORTUGUESAS:  
Semestre 27\$00. Ano 54\$00.—ESTRAN-  
GEIRO: Semestre 30\$00. Ano 60\$00.

**DENTIFRICOS**  
DOS RR PP

## BÉNÉDICTINS

**DE SOULAC**

**ELIXIR**  
**PÓ**

**SABÃO**  
EM CAIXAS DE ALUMINIUM

**PASTA**  
EM CAIXA E EM BISHAGA

**PASTA-SABÃO**  
EM CAIXA E EM BISHAGA

REELLEMENT FRANÇAIS

PASTA ou PASTA-SABÃO

SABÃO  
CAIXA ALUMINIUM

COMPANHIA  
DO  
**PAPEL DO PRADO**  
Sociedade anónima de responsabilidade  
limitada

Ações.....	300.000\$00
Obrigações.....	284.220\$00
Fundo de reserva e amorti- sacção.....	380.000\$00
Escudos.....	1.022.208\$00

SÉDE EM LISBOA. Propriedaria das fabri-  
cas do Prado, Marlanala e Sobrelinho  
(Tomar), Penedo e Casal de Hermito (Lou-  
zã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), ins-  
taladas para uma produção anual de 6 mil-  
hões de quilos de papel e dispondo dos  
maquinismos mais aperfeiçoados para a  
sua industria. Tem em deposito a grande  
variedade de papéis de escrita, de impres-  
são e de embrulho. Toma e executa prom-  
tamente encomendas para fabricações espe-  
ciais de qualquer quantidade de papel de  
maquina continua ou redonda e de fór-  
ma. Fornece papel aos mais importantes  
jornais e publicações periodicas do paiz e  
é fornecedora exclusiva das mais impor-  
tantes companhias e empresas naciaes—  
Escritorios e depositos: LISBOA, 276, rua  
da Princesa, 276. PORTO, 49, rua de  
Passos Manuel, 51.—Endereço telegrafico  
em Lisboa e Porto:—Companhia Prado—  
N.º telef. Lisboa. 665. Porto. 117.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

**BAUME BENGUÉ**  
RHEUMATISMO-GOTA  
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias



**Coroas**  
Onde ha o mais chic  
sortido e que mais ba-  
rato vende, por ter  
fabrica propria, é na  
**Camelia Branca**  
L.º D'ABEGOARIA, 50  
rua Chiado - Tel. 3270

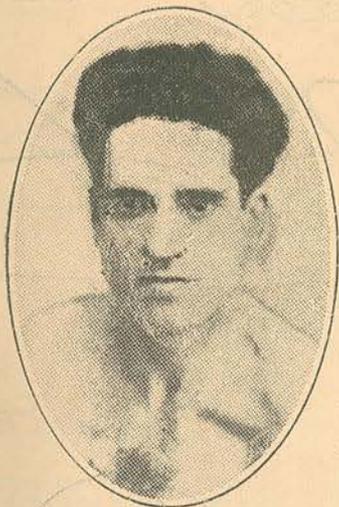
### A'S MÃES

QUE CUIDAM da saúde dos seus filhos  
aconselhamos a **Farinha Lactea Cister**,  
unico alimento completo e que, pelo seu  
esmerado fabrico, aliado a modicidade do  
seu preço, rivalisa com as estrangeiras.  
A' venda em todas as mercearias, farmacia-  
s e drogarias.  
Pedir amostras aos depositarios:  
**BORGES, MARQUES & C. L.º**  
Rua Arco Banaeita, 159

**MAQUINAS DE ESCREVER**  
Novas e usadas. Reparações  
e reconstruções garantidas.  
Acessorios. J. Anão & C.ª  
Ltd.ª, R. FANQUEIROS, 376,  
2.º.—Tel. 3536 N.

### DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr corôas  
d'ouro, dentes sem placa.  
R EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.



Faustino Pereira



Silva Ruivo

# Todos de "Sports"



desafio entre o Sport Comércio e Salgueiros e o Império Lisboa Club foi jogado no passado dia 7, no campo de Palhavã, entrando os dois *teams* no campo cerca das 15 horas. O grupo do norte, cuja *equipe* é vermelha, alinhou da seguinte maneira: Alberto Magalhães a guarda-rede; José Ferreira e Leonel Gaspar a defesas; Joaquim Conteiro, José Pereira (capitão) e Manoel Alves: meias defesas, e Carlos Augusto, Artur Freire, Joaquim Reis, Américo Teixeira e Abrahão Diogo em avançados. O Império Lisboa Club, *equipe* branca, apresentou a seguinte linha: Manoel Anjos, guarda-rede; José da Fonseca e Américo Martins, defesas; Artur Nogueira, Palmer e Romão Ferreira, meias defesas, e Adriano Frades, Lucio Nunes (capitão), Emilio Gonçalves, Jaime Gomes e Jorge Lobato avançados. O jogo começou com muita egualdade, principiando, passado algum tempo, o Salgueiros a carregar, fazendo uma avançada sem resultado, até que Abrahão, ponta esquerda, consegue o primeiro *goal* a favor do seu *club*. Segue-se outro ataque às redes do Império, mas, a defesa está no seu posto. E assim acabou a primeira parte, estando a ganhar o Salgueiros por 1 bola a 0.

Na segunda parte, o Império consegue a sua primeira e única bola, medida n'um momento de confusão e o Salgueiros o *goal* que lhe deu a victoria. Pouco antes de terminar o desafio, o arbitro, sr. Albertino Gômes, expulsou do campo o ponta esquerda do Império, Jorge Lobato. O Sport Comércio e Salgueiros jogou bem, principalmente a linha de ataque, que é rápida e combinada; o meia-defesa direita também se distinguiu pela colocação. O Império jogou com alma, tendo conseguido que a victoria fôsse difficilmente obtida pelo seu adversário.

—Contra o que se esperava, a seleção de Lisboa foi derrotada pela de Vigo por 3 bolas a uma, apenas sabendo a hora a que escrevemos, como pormenores do *match*, que dos nossos jogadores os melhores foram Victor Gonçalves e Ernesto Viegas, tendo a arbitragem sido difficentíssima.

—O Foot-Ball Club do Porto, campeão de Portugal, não foi feliz na sua viagem a Espanha: nos dois primeiros desafios foi, respectivamente, derrotado em Pontevedra, por um *team* da serie B e pelo Sevilha Foot-Ball Club, por 7 bolas a 2. Neste ultimo desafio a linha portuguesa, que foi reforçada com elementos do Casa Pia, de Lisboa, estava constituída por: Lino, José Bastos, Julio Cardoso, Carneiro, Candido de Oliveira (Casa Pia), Floriano, Gralha (Casa Pia), Freire, Balbino, Cal e Gomes (Casa Pia). O melhor homem dos nossos foi Gomes, estando Lino numa das suas mais infelizes tardes. No terceiro desafio ainda o Sport Club do Porto foi derrotado pelo Sevilha Foot-Ball Club, por 5 bolas a 2, deixando assim uma pessima impressão do nosso *sport* no meio desportivo do paiz vizinho.

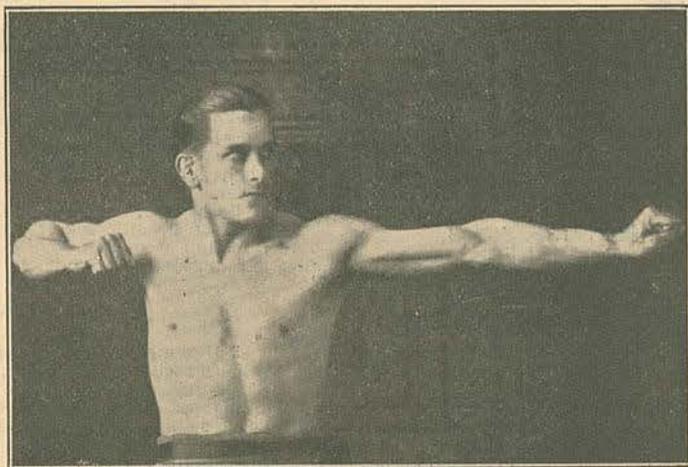
—O Campeão de França, de pesos pesados, Marcel Nilles, 86 kilos, venceu ha poucos dias em Paris o conhecido *boxeur* americano Frank Moran. Nilles só começou a ter vantagem depois do setimo *round*.

O combate, que decorreu com muito equilibrio, foi jogado com muita lealdade. Frank Moran encaixou colossalmente, apresentando no final do combate a cara extraordinariamente inchada e um olho completamente fechado pelos golpes recebidos.

—Nos combates de *box* realizados no passado dia 4, para disputa dos campeonatos profissionais, ficaram vencedores Silva Ruivo, que venceu o *boxeur* portuense, por este ter sido desclassificado no setimo *round*, e Faustino

Pereira, que bateu Manuel Guíta, por desistencia deste. Assim, os titulos de Campeões de Portugal de melos-médios e leves ficaram na posse dos seus antigos detentores, respectivamente, Faustino Pereira e Silva Ruivo.

—Damos hoje o retrato de João Rosa Brito, distincto *sportman* portuuez, que, tendo começado a sua carreira desportiva em Manchester, em 1919, e sido campeão de Portugal de todas as categorias em 1921, ainda amador, é actualmente campeão da Africa do Sul.



O *boxeur* portuuez João Rosa Brito

D. C.



# O Lar



## MENUS da SEMANA

Domingo	
<b>Almoço</b>	<b>Quarta feira</b>
Bifes com batatas fritas Grelhos cozidos Chá ou café	Costeletas panadas com puré de batata Omelete simples Chá ou café
<b>Jantar</b>	<b>Jantar</b>
Sopa de hortaliças Filétes de peixe Carne assada com macarrão à italiana Compota de romãs	Sopa Juliana Linguado com molho branco de camarões Roshilo com puré de batatas e couve flor Bolo económico
Segunda feira	
<b>Almoço</b>	<b>Quinta feira</b>
Bacalhau cozido com batatas Ovos à bichamel Chá ou café	Rim de fricassé serelido com arroz de manteiga Omelete à Juliana Chá ou café
<b>Jantar</b>	<b>Jantar</b>
Caldo verde Croquetes de bacalhau Lulas guisadas Torta de gíngias	Caldo de aveia Ameijoas à portuguesa Madinhas de vitela com queijo e salada de alface Pudim de nozes
Terça feira	
<b>Almoço</b>	<b>Sexta feira</b>
Dobraada grelhada com presunto e ovos Arroz do forno Chá ou café	Atum com batatas cozidas Omelete de marisco Chá ou café
<b>Jantar</b>	<b>Jantar</b>
Sopa de nabos Cabeça de vitela à portuguesa Frango estufado com salada de baterraba Omelete ao rum	Sopa de peixe Empanada de marisco Bacalhau do forno Doce de laranja
Sabado	
<b>Almoço</b>	
Croquetes de coelho Arroz de sustanciação com fatias de presunto Chá ou café	
<b>Jantar</b>	
Purê de ervilhas Ostras recheadas Peito de vitela de fricassé Pudim de pão	

### PARA CONSERVAR FRUCTOS

As laranjas — conservam-se muito bem dentro de caixas, dispostas em camadas separadas por areia fina, previamente seca no forno. Devendo haver o cuidado de colocar os fructos verticalmente com o pé para baixo.

As laranjas conservam-se perfeitamente durante muito tempo, mantendo um gosto e um aspecto irrepreensível.

### OS BANQUETES E A HIGIENE

O higienista é muitas vezes o «desmancha prazeres». E' certo que, sob o nome de higienista e tavalhas, seria possível escrever um livro todo cheio de censura e de ameaças, vindo assim atenuar um pouco a má impressão que deixou de si o higienista. Mas os conselhos de um de outro serviriam para alguma coisa? Duvidamos. Contudo,

não deixaremos de recomendar aos nervosos, dispepticos e outros doentes, que moderem em um pouco ost seus instinctos e pensem no dia seguinte ao da festa.

Desgracadamente a indigestão do rico virá, por muito tempo ainda, a fome do pobre; e os comilões continuarão a provar experimentalmente a grande extensibilidade da pele do ventre. Quanto aos medicos, especialistas dos diocenas da nutrição, continuarão a bemoquer este tempo de festas e de jantares repetidos, cuja continuação aumenta os seus honorarios.

Os bebés, nestes dias de festa, ainda são mais prejudicados que as pessoas crescidas, porque deles se aproveitam enormemente para encher os seus pequenos estomagos de toda a sorte de gulodice, que no dia seguinte lhe provoca perturbacoes gastro-intestinaes, de maior ou menor gravidade, mas que muito os prejudicam sempre.

O assucar é muito util ao equilibrio da saude, mas o seu abuso é sempre nocivo, principalmente quando na confecção de confeitaria de toda a especie.

Não deixaremos, portanto, de aconsellar, quando assim succeder, uma dieta de alguns dias, composta de caldos de carne preparados com leite, purés de vegetaes; e, como bebida, agua de Vidago e chá fraco, muito quente e sem assucar.

Se, porém, a indisposição não ceder a este tratamento, torna-se urgente recorrer ao medico, para que ele faça ao intestino o mesmo que a lavadeira faz á roupa: lava-la para a sujar de novo.

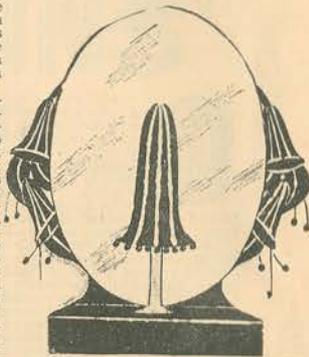
### CURIOSIDADES

Ultimamente, em França, a moda decretou que nas pequenas recepções, nos jantares intimos, a mesa seja decorada de uma maneira nova e encantadora?

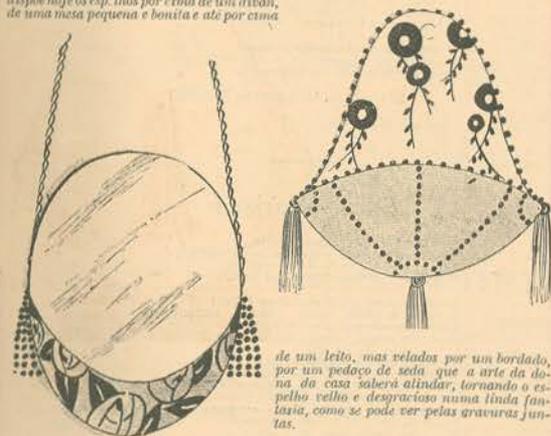
A mesa de jantar deve ser coberta com uma toalha branca, por cima um tecido azul vivo mais estreito, depois um outro ainda, mas mais estreito e mais curto, de um azul mais pallido. E, a velar, um pedaco de gaze prateada, sendo coberta por um pedaco de seda rosa pallida com as mesmas dimensões da toalha branca; e por cima de tudo um grande «neperon» de formas irregularmente caprichosas feito de tule branco. A mesa toma uma apparencia nacrada, de

### Os espelhos e a moda

dispõe hoje os espelhos por cima de um dican, de uma massa pequena e bonita e até por cima



Os espelhos, ornamentação obrigatória das salas no tempo dos nossos avós, estão hoje quasi postos de lado. De tal maneira que, na arte moderna da decoração e mobiliaria, se



de um leito, mas velados por um bordado, por um pedaco de seda que a arte da dona da casa saberi alindar, tornando o espelho velho e desprazioso numa linda fantasia, como se pode ver pelas gravuras juntas.

uma harmonia e de uma delicadesa infinita, onde os cristaes e as flores nos tons «mouves», azul e ross destacarão um lindo conjunto.

### A PREPARAÇÃO DOS ALIMENTOS

A preparação dos alimentos compreende a escolha desses alimentos e o modo de os preparar, segundo a sua natureza, antes de os pôr a cozer.

A coção significa ao mesmo tempo o modo de os cozer e o grau desse cozimento. Consiste nela o verdadeiro segredo da cozinha.

Ha quatro modos diferentes de submeter os alimentos á coção: ferve-os em agua; coze-os na sua propria substancia, isto é estufa-os; frigi-os ou assa-os.

Em geral, a abulção torna-os mais tenros, mas não convem que seja excessiva, porque a agua apodera-se de todas as substancias solúveis.

O caldo é o resultado desse modo de coção das carnes. Quanto mais ferve e prolongada é a coção, mais substancia se conserva na carne.

A carne, preparada pelo processo que se chama estufada, penetra-se de vapor quente, frita tenra e coze perfeitamente, conservando toda a substancia. Os alimentos cozidos por este processo são, effectivamente, os de mais facil digestão e os mais nutritivos.

A fritura torna igualmente as carnes muito tenras, mas é necessario que seja bem frita, e que a crosta que a envolve fique extremamente delgada, alizá a agrura que lhe é comunicada pela banha ou pelo azeite torna este processo prejudicial aos estomagos delicados.

O assado feito com perfeição conserva quasi todas as partes solúveis da carne; a acção directa do fogo carboniza-lhe as partes exteriores e concentra no interior todos os liquidos, que allí cam retidos pela crosta lizada. O assado é nutritivo e tonico, o seu sabor appetitoso; e esta ultima qualidade torna-o preferivel, para muitos estomagos a qualquer outro processo de preparação dos alimentos.

### SALADA DE LARANJAS

Não se descasquem as laranjas. Lavem-se muito bem, cortem-se em rodas, não muito grossas. Polvilhem-se de assucar e requeim-se com uma pouca de agua, e depois aguardente ou rum, segundo a preferença de quem a faz. Se se não delatasse primeiro uma pouca de agua, o assucar não se derreteria e a calda ficaria muito forte. Em vez de cortar as laranjas em rodas podem cortar-se em quartos delgados, de alto a baixo, e colocar-se em forma de coroa na compoteira. Este modo é mais elegante e mais comodo tambem para servir.

A salada de laranjas não deve ser preparada mais de meia-hora antes de se servir. A infusão mais prolongada da casca na aguardente ternará a calda amarga.

### COMPOTA DA LARANJAS

Escolhem-se cinco ou seis laranjas, não muito maduras e muito sãs; tire-se-lhes completamente a casca sem prejudicar o miolo; piquem-se em cinco ou seis sitios, e mergulhem-se em agua fria, deltem-se em seguida durante alguns minutos em agua a ferver e tornem a molhar-se em agua fria. Escorram-se e dê-se-lhes algumas fervuras em calda de assucar, deltam-se depois numa terrina. Quando estiverem frias, cortem-se as laranjas em quartos, colquem-se numa compoteira, e delte-se a calda por cima.

## CALENDARIO DA SEMANA

### Janeiro—31 dias

- 14 — Domingo — S. Felix de Nola.
- 15 — Segunda feira — S. Amaro.
- 16 — Terça feira — SS. M. de Marrocos.
- 17 — Quarta feira — S. Antão.
- 18 — Quinta feira — S. Lionardo.
- 19 — Sexta feira — S. Canuto.
- 20 — Sabado — S. Sebastião.

# Silva Poetica

## Três tempos

«Eu nunca mais recordeo o que passou»  
—Dizes-me ás vezes. Como fico triste!  
Pois vejo que em tua alma não existe  
O culto sacro pelo que findou.

Nem sequer na memoria te ficou  
A lembrança do amor que já sentiste!  
Sómente na minha alma é que persiste  
A saudade que o tempo não levou...

Tu bem cedo esqueceste o que jurámos,  
Essa mesma ilusão que nós amámos  
E o sonho em pensamento só gosado...

E' que tu vives da ilusão presente,  
Na esperança do porvir, e eu, tristemente,  
Volvo os olhos reccosos ao passado!

BEATRIZ H. DE FREITAS BEIRÃO

(De um livro inédito.)

## Soror Mariana

Sorór Mariana Alcoforado vela,  
—Pendida a fronte sobre um pergaminho—;  
A pena vai correndo o seu caminho,  
E o pranto corre sobre a face dela.

Suspende a mão... O seu olhar é fogo!  
E rasga a carta, rasga... treme... odela!  
Luta numa babel! O peito anseia,  
O pranto desce... cessa... e volta logo...

Fatigada por ter chorado tanto,  
Adormece na maquia, que a embala.  
E no sonho, o seu odio é só quem fala!

E' madrugada. Acorda. Cessa o pranto  
Desce da Cruz da sua imensa Dór,  
E a nova carta reza: *Meu amor...*

SACRAMENTO MARTINS

(Do livro a aparecer SINFONIA DA CARNE.)

## À coruja

(A Joaquim Herreira)

Noctívaga, soturna, ascética, cinerea,  
Num rouquenho clangor a blasfemar da vida;  
—Supersticiosidade em povoações temida—  
Ei-la, infausta coruja—anunciação funerea.

Ao vê-la ornamentando escombros de acroteria,  
Ou então a psalmodear sobre a nossa guarida,  
Quem é que não pressente a alma, estarecida,  
Antevêr o crepúsculo, abrupto, da materia?

Eu não maldigo, entanto, a lugubre cantora,  
A solitaria errante, a triste scismadora,  
A quem a Mãe-Natura impôs viver na treva...

Eu sturbolizo nela a grande caravana  
Dos que vivem sem pão e morrem sem cabana,  
Carpindo a progressão dos ascendentes d'Eva!...

ANTONIO MELGA

Lisboa, 31/12/1922.

# EFEMÉRIDES DO ANO DE 1922

Seleccionadas per ZOILO

Ilustradas por BERNARDO MARQUES

## JANEIRO

Logo no dia 7, *O Seculo* publica um numero de 16 paginas, a cores, que é disputado a soco...



... e, no dia 3, regressam a quartéis as tropas que tinham estado a cercar Lisboa... para evitar que D. Pedro IV fugisse aos vândalos que lhe estragaram o Rocio...



Em 6 aparecem todos envernizadosinhos por fóra e vermelhos e amarelos por dentro os famosos fosforos de luxo...



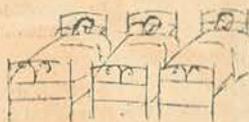
... em 8 pede-se uma ligação telefonica e fica-se á espera de que as meninas liquem...



... em 74, resolve-se que a agua da Companhia passe a custar 60 centavos, cada metro (apenas o dobro do do que custava...)



... em 19 instala-se o jury do concurso de peças do Nacional, que ainda não acordou...



... em 27, rebenta mais uma greve dos electricos, em Lisboa, porém, d'esta vez, de curta duração, pois...

... em 23, terminou, escusado será dizer que com o

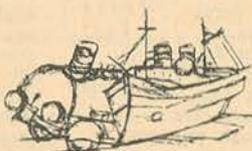


bouquet finale... fatal do aumento das tarifas...

## FEVEREIRO

Começou o mez por uma crise ministerial, no dia 2 e...

... em 3, rebentam nem menos de duas greves: dos ferros-viarios do Estoril e dos maquinistas navaes...



... falando-se, no dia 4, em nova greve dos electricos... que fica adiada para dez dias depois...

Em 5, rebenta... Perdão, em 5, consegue, o sr. Antonio Maria da Silva, organizar o primeiro gabinete da sua extensa serie...



Em 7 realisa-se, no Porto, um comicio contra a vida cara, com o resultado que se tem visto e continua a sentir-se... em 9 in-



tensifica-se a repressão do jogo, sendo presos, em flagrante, varios pontos... e virgulas que se provou não estarem tal a jogar...

Em 74 estala,



de facto, outra greve dos electricos, complicada...

... em 16, com boatos novos de revolução, os quaes se intensificam por tal fórma que...

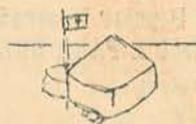
... em 19, o governo cava para Cascaes e Lisboa torna a ser cercada por tropas que veem tomar parte numa parada a realizar no dia 1 de maio, isto é... mais de dois mezes depois



Em 27 recommencam a circular alguns electricos e os jornaes publicam uma carta em que, o sr. Alonso Costa, mais uma vez instado para vir «salvar isto», responde que, o momento, ainda não chegou...



E' lançada, no dia 24, no local da Exposição do Rio de Janeiro, a primeira pedra do nosso Pavilhão — ou antes, pedra em cima do nosso Pavilhão...



... e, no mesmo dia 24, (sabado gordo) apresenta-se, o novo governo, ao Senado...



Em 29, encerra-se o mez, com a chegada de mais tropas para a tal parada militar que nunca chegou a



realisar-se — e continua a esperar-se pela ligação telefonica pedida ás meninas, em 8 de janeiro...

(Volte)

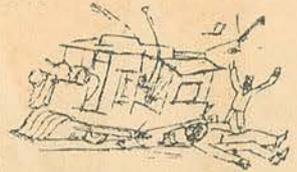
MARÇO

Logo o *di 7* nos revela que, apesar de já se terem gasto 8.000 contos com o Bairro Social do Arco do Cego, nem uma casa ali se acha construída.

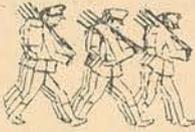
...em 5 vae o diabo, pelo Porto, com bombas e...



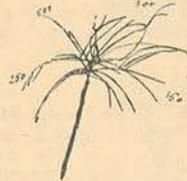
...em 8 e 9, para que não nos riamos dos portuenses, também por cá vão o bombas por uma pá velha, contra os carros electricos...



Em 14, parece ter-se desistido da parada, pois as tropas começam a tornar a regressar aos quartéis...



... voltam a aumentar, em 15, as tarifas dos electricos, embora a greve continue...



... em 17, intensifica-se, ainda mais, a repressão do jogo, sendo presos, em flagrante, mais pontos e... virgulas que se averiguou, depois, nunca terem jogado na sua vida...



Descobre, o ministro do comercio, em 21, que toda a frota dos Transportes Maritimos, vendida, não dará para pagar as dividas dos sobreditos Transportes.... malditos!...



... declaram-se em greve, em 27, os carroceiros e chauffeurs...



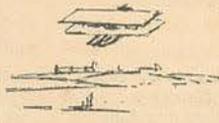
...e, em 28, produz-se um eclipse do sol mas apenas parcial, pois, apesar de todas as declarações em contrario, ainda ha quem acredite que Ele se não eclipsou totalmente.

E o mez encerra-se, em 30, com, a partida dos aviadores e a sua chegada a Las Palmas, mas... sem que as meninas do telefone se tenham dignado, ainda, fazer a ligação solicitada quasi tres mezes antes...



ABRIL

Em 3 termina, apoz 42 dias, a greve dos electricos, sem aumento de tarifas porque, desta vez, o bouquet final foi queimado no meio da festa...



Chegam, em 5, os aviadores a Cabo Verde...

... Em 6, são suspensas as obras dos Bairros Sociaes (por começar?)

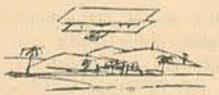
... em 8, produz-se uma tentativa de greve geral que gorou á nascença... e descobrem-se, em 12, na Exploração do Porto de Lisboa, importantes defalques, sendo os responsaveis—escusado será dizer—severamente punidos...



Consta, no *di 15* que, manuelistas, integralistas e miguelistas se entendem, finalmente, e os dias da Republica estão contados, mas... (veja-se dia 4 de maio).



Partem em 17, de S. Vicente para a Praia, os aviadores... em 18, dá-se o desastre dos Penedos que, aliás, veio contribuir para mais valorisar a travessia, e...

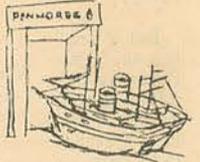


... em 22 segue um novo avião a bordo do vapor brasileiro Bagé.

No dia 24 sabe-se terem sido embarcados, por dividas, em Genova, mais dois navios dos famigerados Transportes Mal-



ditos—e, como uma desgraça nunca vem só, em 27 desabam sobre o contribuinte, as famosas prouostas de finanças!...



(Continua no proximo numero)

Secção Editorial de O SECULO

Enciclopedia Popular Ilustrada "PORQUE COMO E PARA QUE"

COLEÇÃO DE ROMANCES ILUSTRADOS

Estão publicados 7 fasciculos, a saber:

- O MILAGREIRO DE NANCY
- MARAVILHAS DO INFINITO
- ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
- GRAVIDEZ E MATERNIDADE
- A NOBRE ARTE
- COMO SE FALA COM OS MORTOS
- A FISICA EM 26 LIÇÕES

No prelo:

BOAS MANEIRAS, OS SEGREDOS DA ATMOSFERA, AVICULTURA, ETC., ETC.  
Cada fasciculo ilustrado, 50 centavos.

Estão publicados 4 romances a saber:

- O ARCO DE SANT'ANA, do Visconde de Almeida Garrett.
- CARMEN de Prosper Merimée.
- CADEIA DE CRIMES, de Guy Thorne.
- O HOMEM DA ORELHA QUEBRADA, de Edmond About.

No prelo:

QUOD VADIS? CATOLICOS E HUGONOTES  
OS ULTIMOS DIAS DE POMPEIA  
Cada romance completo, 1 escudo.



# Minuto de Amor

no pó da estrada e batiam azas, quando eles se aproximavam, para recomoçarem a saltitar mais longe, sem medo algum dos inofensivos passeantes.

E Lucy pensava...

Demasiado inteligente para que o espelho a iludisse, bem sabia ela que não era bonita. De principio, esta convicção fizera-a sofrer. Revoltára-se contra a fealdade. Achava-a injusta. Enfureciam-a as homenagens que via os moços prestar ás suas amigas, enquanto que ela tinha de se contentar com simples atenções da mais banal delicadeza.

Depois, e bruscamente, um dia, resolvera-se a tomar um partido. O gosto humano, pondo um imperio na dependencia do comprimento do nariz de Cleopatra, fê-la rir. Tratou de substituir a beleza pelo bom-humor e a alegria, sem resentimento, contra o capricho da natureza. E, desde então, atravessando a existencia sem preconceitos e sceptica, deixára de ser desgraçada.

E eis que, de repente, durante aquela *saison*, encontrára um homem que a requestára, cercando-a de assiduas amabilidades e galantes atenções.

De começo abandonára-se áquela inesperada felicidade que a deliciava. O coração abria-se-lhe ás delicias nunca experimentadas de sentir-se assim, pela primeira vez, procurada, adulada, cortejada. Olvidava que era feia. Não lhe ocorria a ideia de que, escasseiando as raparigas, naquele ano, em Saint-Lunaire, Diogo poderia muito bem representar com ela aquela linda comedia apenas porque não tinha outras a quem fizesse a corte...

Eo encantador idilio projectára-lhe na alma um raio de primavera, povoando os seus sonhos com a imagem do belo e elegante rapaz que se ocupava dela.

Depois o bom-senso despertára. Mil pequeninas cousas tinham-a conduzido, a pouco e pouco, ao convencimento de que aquele *fleur* não representava mais do que um passa-tempo para ele, uma maneira agradável de se distrair. E, desiludida, cruelmente estimulada, mais mortificada ainda, não houvera, comtudo, a coragem de lhe provar que não se tinha deixado imbuir pelas suas mentiras, agarrando-se a essa suprema covardia, mais ainda do que a realidade dolorosa, de não querer perscrutar a verdade e renunciar á superficial dita de acreditar apesar de tudo...

... Tinham passado além dos ultimos jardins, e embrenharam-se pelo atalho, cavado no rochedo, e que ia ter ao Calvario; de junto da cruz o scenario que se desenrolava era admiravel: os ultimos lampejos do sol punham no mar reflexos de esmeralda, franjando de gase dourada a costa longinqua, escapando-se pelo horizonte onde se recortavam, em espesso macisso, os caminhos de Saint-Malo e as vilas de Paramé.

Então, rompendo o silencio que desde o começo do passeio pesava sobre os dois, Lucy perguntou:

— Fala sinceramente?

Rapido, como se tivesse medo de pensar, ele murmurou:

— Duvida?!...

Uma pergunta queimava os labios da moça:

«Nesse caso por que espera para me pedir em casa-

LAY!

— Ready!

A bola descreveu uma curva graciosa por cima da rêde, porém a *raquette*, que se ergueu para ela, não a aparou, deixando-a cair no chão, a alguns metros de distancia.

— Jogo! gritaram, alegremente, do campo oposto.

— Ah! senhor Diogo, disse Lucy Leck em tom de censura, tornámos a perder por sua causa. O que é que o fará estar

assim tão distraído, hoje?!...

— De mais a senhora o sabe! murmurou o interpellado, envolvendo a interlocutora em efluvios dos seus olhos castanhos.

Mas Lucy encolheu os hombros, rindo:

— Quando é que o senhor tem juizo?...

A partida, porém, finalisára, por aquele dia, no Tennis-Club Lunairois; arrumaram as bolas nas respectivas caixas e encerraram os *raquettes* nos estojos de pele.

Diogo acercou-se da parceira:

— Continua, então, a não acreditar em mim?

Lucy não respondeu. Encaminhou-se para a magestosa M.me Leck, que, sentada perto duma mesinha, em frente do outeiro, acabava de tomar a sua chavena de chá, acompanhada de copiosas torradas com manteiga, e perguntou-lhe:

— Dás licença, mamã, que suba até ao Décollé com o senhor Durieux?

— Vai, minha filha, vai.

O Décollé é, em Saint-Lunaire, uma extensa lingua de terra que entra pelo mar, abrupta e selvagem como todos os rochedos bretões; e, á hora do crepusculo, constitue um espectáculo encantador ir observar do terraço do Calvario, em que termina, o pôr do sol entre as ondas azues, no esplendor glorioso duma poesia sempre nova e sempre impressionante.

Seguindo o caminho que conduz até lá, por entre vilas casquilhas e floridos jardins, Lucy e Diogo caminhavam ao lado um do outro, silenciosos, acompanhando com o olhar, maquinalmente, os parais que brincavam

mento?... Bem sabe que é a unica prova que póde dar-me do seu amor!...»

Mas calou-se para não precipitar o irreparavel entre os dois, forçando-o a responder sem ambages; preferiu que a conversa continuasse no tom galhofeiro de sempre, que não comprometia nem um nem outro.

E, com um sorriso forçado, tornou:

— O que era capaz de fazer para me convencer?

Ele respondeu, torcendo o bigode num gesto um tanto ou quanto pretencioso de rapaz bonito:

— ... Era capaz de ir ao fim do mundo, minha se-nhora.

A brisa da tarde entrára de soprar. Fazia vento do oeste. De subito o chapéo de Lucy voou e, antes que ela tivesse mão nele, deslizou ao longo do rochedo, ficando suspenso duma anfractuosidade, alguns metros acima do mar.

— Oh! gritou ela.

E, então, voltando-se para o moço e fixando-o, olhos com olhos, disse-lhe em tom singularmente comovido:

— Aí está, Diogo... não lhe peço tanto... o fim do mundo é muito longe... basta-me que vá buscar o meu chapéo e ficarei vendo que me ama...

Diogo inclinou-se, por sua vez, sobre o peitoril e pesou os riscos da aventura... era arriscada, mas não impossível. Sentia-se agil. Com um pouco de destreza leva-la-ia ao cabo.

E como, perante a hesitação dele, Lucy exclamasse, ironica:

— Bem vê que não me ama tall...

Compreendeu que, de facto, assim era; e, ao mesmo tempo, perante

aquela primeira prova, teve consciencia de até que ponto aquele *flirt* importava pouco para ele, e a moça lhe era indifferente.

Mas o desafio espicára-lhe o amor-proprio. E, antes que ela pudesse dete-lo, saltou por sobre a balastrada e desceu ao longo do rochedo.

— Diogo!

De repente, quando ia para agarrar o chapéo, faltou-lhe o pé, escorregou sobre a pedra humida e precipitou-se no mar.

Ainda tentou lutar... debateu-se... Mas não sabia nadar; sobre o rochedo a pique não existia nenhuma saliencia a que lançar a mão...

Lucy assistia ao drama, sufocada a voz, paralisada de pavor, sem forças ter, sequer, para bradar por socorro.

E não tardou que, em frente dos olhos dela, o moço, esgotado pelos inuteis esforços, desaparecesse nas vagas...

Mas durante aquele minuto tragico, que durou um seculo, em que tudo quanto existia, nele, de vida, pres-tes a escapar-se, se concentrou, uma vez ultima, no seu

cerebro, povoando-o com todas as recordações do passado — foi os olhos de Lucy que viram, apenas, os seus olhos desvairados, de Lucy transformada, resplendente de beleza, aureolada com todos os esplendores terrestres; e, durante esse terrivel minuto, durante esse minuto unico, amou sinceramente aquela mulher por amor de quem morria...



(DE GUY DE TÉRAMOND).

# SAES «DERMOXA»

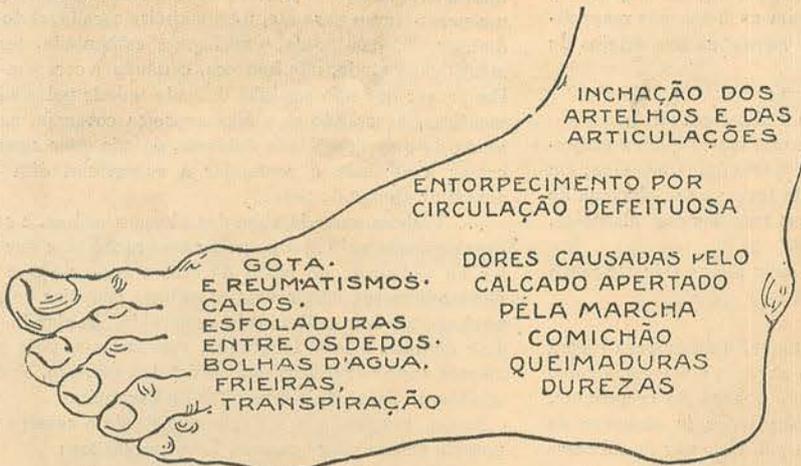
Premlados em todas as exposições internacionaes a que tem concorrido pelas suas excep-cionaes propriedades medicinaes para a cura de todos os males dos pés

DERMOXA:—Dá aos pés toda a flexibilidade, tonificando-os e descon-gestionando-os.

DERMOXA:—Faz desaparecer rapidamente queimaduras, inchação, entorpecimento, pisaduras e todos os males ocasionados pela fadiga e pressão de calçado.

DERMOXA:—Suprime as dôres agudas dos callos, olhos de perdiz, bolhas de agua, ardor e comichão.

DERMOXA:—É sobe-rano contra as frieiras, gota, reumatismo, trans-piração e mau cheiro dos pés.



À' venda na  
**Farmacia Portugal**  
Rua Augusta, 216  
**LISBOA**

Concessionario unico para Portugal e Colonias  
**Mario Brandão, Ld.ª**  
Rua Eugenio dos Santos, 99 — LISBOA

# Ilustração Portuguesa

2.<sup>a</sup> SÉRIE

13 — JANEIRO — 1923

N.º 882

## Confraternização jornalística



Uma parte da assistência ao almoço oferecido no dia 4 do corrente, no Café Tavares, ao pessoal do jornal O SÉCULO, pelo seu director, s.<sup>r</sup>. Cunha Leal, em comemoração do 43.º aniversário do mesmo jornal.

(Clichés Salgado)

# EXPOSIÇÕES DE PINTURA E DE ESCULTURA

Do pintor hespanhol Vasquez Diaz, no Salão da "Ilustração"



LA MADRE

CARTUJOS



No Salão da *Ilustração Portuguesa* realizou-se hontem, com grande e escolhida concorrência, a inauguração da exposição de quadros a óleo e desenhos do notável pintor hespanhol Vasquez Diaz, que se encontra em Lisboa a convite dos nossos artistas e homens de letras modernistas.

Sendo, ele mesmo, um pintor modernista, Vasquez Diaz é de ha muito um consagrado, não só no seu país, como mundialmente, pois, além de socio da Sociedade de Belas Artes de Paris, quadros seus figuram nos principaes museus, taes como os de Paris, Genova, Londres, Madrid, Liège, Nice e Chicago, e, entre outras sumidades, posaram para ele Anatole France, Henri Bataille, Sarah Bernard, Réjane, Ruben Dario, Barbusse, Unamuno, etc.



FAMILIA

No cal o retrato do expositor

Na sua actual exposição apresenta, Vasquez Diaz algumas magnificas telas de grandes dimensões, taes como aquellas que reproduzimos n'esta pagina, e varios desenhos, uns e outro definindo hem a

sua alta mentalidade e os seus originaes processos picturales que, repetimos, lhe grangearam a justificada fama mundial de que goza e o elevaram a categoria de um dos primeiros pintores da actualidade.

Assim não temos duvida em assegurar que essa exposição assumirá as proporções de um verdadeiro acontecimento ou, por outras palavras, constituirá mais um grande successo para o illustre pintor nosso hospede, atraindo ao Salão da *Ilustração* tudo quanto Lisboa possui conselente artisticamente e requintadamente intelectual.

De D. Helena Roque Gameiro  
e na  
Sociedade Nacional de Belas Artes



D. HELENA ROQUE GAMEIRO

A aguarela *Queluz*, que figura na exposição de D. Helena Roque Gameiro, inaugurada com grande e justificado successo, no dia 5 do corrente, no seu atelier da Rua de D. Pedro V



Tambem com grande exito se inaugurou no dia 6 nos salões da Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição de pintura e escultura dos illustres artistas srs. (da esquerda para a direita): Leopoldo d'Almeida, Adriano Costa, Albertino Guimarães, Carlos Bonvalot, Joaquim Costa, Alberto de Lacerda e Fernando dos Santos (Clíches Salgado)

# Páginas da Nossa História

## A VILA DE OBIDOS



**E**STA vila da Estremadura, a cinco quilometros de Caldas da Rainha, districto de Leiria, é veneravel pelo seu valor guerreiro atravez a Historia, valor traduzido pelas honras que possui, e notavel pelo legado historico que até nossos dias conservou.

Situada no declive dum monte, em logar fertil e belo, é cercada por elevadas muralhas torreadas, que atingem n'alguns pontos 13 metros de altura.

De entre as 4 portas que nessas muralhas se abrem, é particularmente notavel na Historia a Porta da Traição, por onde entrou D. Afonso Henriques, com um troço de guerreiros, em 11 de Janeiro de 1148, tomando depois de assalto a vila e o Castelo; foi esta uma das ultimas terras da Estremadura a ser tomada pelo rei Conquistador.

Segundo alguns autores, foi Obidos out'ora banhada por um braço de mar, do qual existe a actual Lagôa de Obidos, e donde se diz ter derivado o seu nome (*ob, id, os*; do latim: *ob* — prep. por causa; de *is, ea, id*, pron. esta; e *os, oris* — subs. — boca).

Obidos, assim como Coimbra e Celorico, deu um nobre exemplo de lealdade, na guerra civil que se travou entre D. Sancho II e seu irmão D. Afonso, pois posta em apertado cerco por este, em 1246, resistiu heroicamente, vendendo-se o conde de Bolonha obrigado a retirar-se. Nesse tem-

truiu um soberbo castelo, em 1379, reformou as atingas muralhas, e construiu outras, além dos reparos e ampliações com que o 1.º rei portuguez já a tinha dotado.

D. João V tambem prendeu particularmente a sua atenção com esta vila; além de varios melhoramentos e mercês com que a dotou, ajudou com a sua liberalidade caracteristica a construção do Real Santuario do Senhor da Pedra, que se levanta a 500<sup>m</sup> da vila, e que não se chegou a concluir.

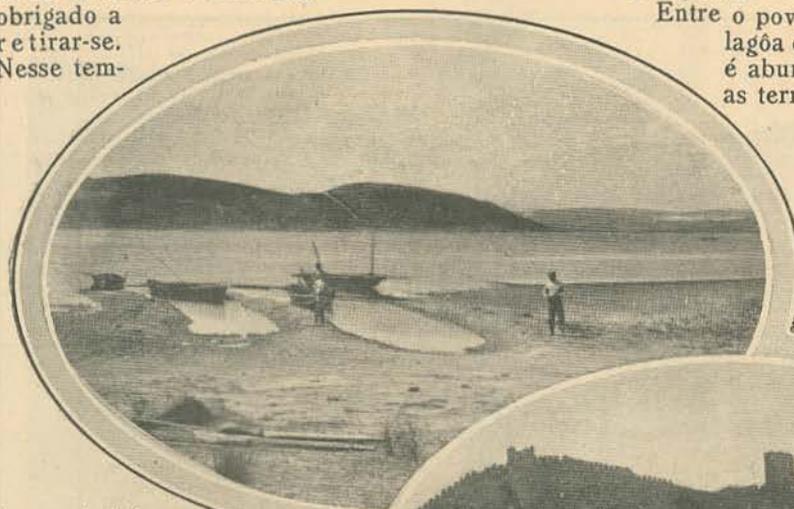
Presenciou Obidos, em 15 de Agosto de 1908, o primeiro combate entre os francezes, e os portuguezes aliados aos inglezes.

A lagoa de Obidos é a maior, mais importante e productiva de Portugal. Dista 6 km. de Obidos, e tem 4 km. de comprimento por 2 de largura. Liga-se ao mar por um canal de 2 km. de comprimento, desembocando nela varios rios pouco importantes, entre os quais três que atravessam a Vila de Obidos.

Foi esta lagoa, antigamente, muifo frequentada por pessoas reais, como D. João IV, D. João V, D. José I, D. Pedro V e outros membros da familia real, onde realisaram faustosas pescarias e caçadas.

Entre o povo, é costume dizer-se que a lagôa dà pão, carne e peixe, porque é abundante em limos que adubam as terras, é muito frequentada por aves de varias especies, e as suas aguas são muito ricas em peixe, principalmente quando comunica com o mar.

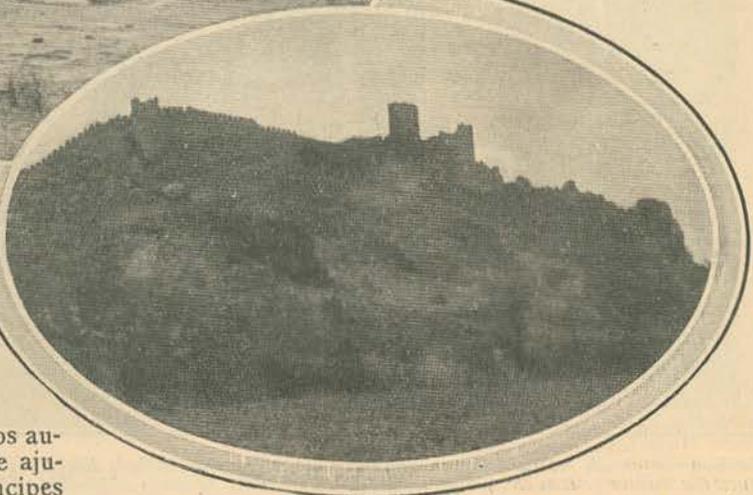
BERNARDINO SARAIVA.  
(Clithés e croquis do autor)



Um aspecto da lagôa d'Obidos

po tinha Obidos o titulo de *notavel*; logo que o rei bolognez subiu ao trono, juntou-lhe a este titulo o de «*Sempre Leal*», reconhecendo e fazendo jus á nobre attitude de tão preclara terra.

Nos reinados seguintes foi Obidos aumentando sensivelmente, sempre ajudada pela magnificencia dos principes e dos reis; assim, D. Diniz alargou a vila, e cons-



Castelo e muralhas

# Um Grande Sabio e um Incansavel Trabalhador

O professor

JULIO A. HENRIQUES

no seu

85.º ANIVERSARIO

(17 fevereiro de 1922)



O professor Julio A. Henrique por ocasião do seu jubileu (1919), com os trajos doutorais



Quando quintanista de direito (1890)



Já doutorado em filosofia (1888)

**T**

EM oitenta e cinco anos—«bem bonito roll»—uma linda cabeleira toda polvilhada pela neve de tantos invernos, fortes bigodes de prata fiada e dois olhos azuis tão infantis, tão cheios de luz e de bondade como outros ainda não vi.

Todos os dias o vejo descer de sua casa, simples no trajar, sempre risinho e bem disposto, e tão regular de costumes como os astros do céu no calcurrear incessante de suas órbitas. Val trabalhar para o Herbario, continuar a sua obra, juntar-lhe uma pedra mais. Anda nisto há mais de meio século, sem pressa de chegar ao fim da tarefa.

E ao vê-lo, todo entregue ao seu labor, entre rimas de livros e plantas secas, recorro inv. luntariamente esses pequeninos himenópteros que Fobre nos mostra abrindo galerias nas rochas de grés, a poder de maxilla, grão por grão, para serem disfrutadas por gerações que os pais nunca virão a conhecer!

Sucedem-se os anos e os homens e as catástrofes. Chocam-se os apetites e os interesses e as idelas. Desabam impérios muitas vezes seculares. Mudam as instituições, os costumes, os créditos, as aspirações colectivas da sociedade; modifica-se a carta politica do mundo. E elle continua no seu gabinete de trabalho, todo entregue a uma idela dominante, vivendo por ella e para ella, como se todos estes formidaveis acontecimentos—que chegam até elle num vago rumor—fossem o eco de feltos longinquos passados num outro planeta.

Não por egoismo, que a sua vida toda é uma dadiva desinteressada pelo bem estar colectivo, pelo progresso e pela diffusão da sciencia, pelo bom nome da terra natal. Mas por impossibilidade de comprehender o que se passa á sua volta. Os acontecimentos apparecem-lhe sem encadeamento lógico, as massas sem um norte; as idiologias sem uma finaldade concreta e intelligivel; a humanidade inteira como um formidavel manicómio onde todos bulham e já ninguém se entende.

Uma única realidade existe e o preoccupa e o absorve inteiramente—o jardim, que o seu trabalho acreditou como estabelecimento scientifico, e esse esplendido Instituto Botânico, que a sua intelligencia e a sua força de vontade arrancaram do nada e uma admirável tenacidade ergueu ao alto grau de perfeição em que hoje se encontra.

Põe-se ás vezes a contar-me simples histórias da sua mocidade, lentamente, desembulhando a custo os factos do véu de neblina que o tempo lhes tem criado á volta. E de olhos perdidos ao longe, val-me dizendo que nasceu em Cabeceiras de Basto—uma pequenina villa perdida lá pelo Minho—em 17 de Janeiro de 1838. Ao tempo que isto foi! Ligeiros correm os anos da sua juventude, no meio daquela vida simples, sem sobressaltos, de uma honrada familia de provincianos. Té que em 55—completos os 17 anos—vem para Coimbra a ultimar os seus preparatorios, e logo nesse ano consegue entrar na Universidade. Vem para o collegio de S. Bento, ocupar precisamente o mesmo quarto aonde dorme ainda hoje, aonde tem dormido durante 50 anos seguidos! Ama já então a terra, o campo, as flores; aborrece códigos, tribunals, a vida complicada dos fó-

ros. E, todavia, val formar-se em Direito, só para fazer a vontade a seu velho pai. «Cinco anos passam num instante. E aquillo, afinal, pouco me custou». Termina o curso em 60. Cumpriu os seus deveres de filho. Arruma a sebeta e o código civil e o Direito romano, e val agora recommear, voltar ao primeiro ano da Universidade, fazer uma nova formatura, em Filosofia agora, para realizar um sonho que de ha muito acaenta.

Outros cinco anos de luta! Mas chega, finalmente! Toma capelo em 65, concorre a professor extraordinário e é nomeado a 16 de maio de 66. Mal cuidavam talvez os mestres de então que esse moço de 28 anos, modesto, simples no trajar, tímido quasi, havia de ser, dentro em pouco, das mais prestigiosas figuras na sciencia portugesa e havia de deixar de pé uma obra que é, sem dúbida, a mais notavel de que pode orgulhar-se, na segunda metade do XIX século, a velha Universidade de Coimbra.

Moços da minha terra! Tiremos respeitosa e o chapéu diante desta linda figura de velho, cuja vida é dos mais notáveis exemplos de dedicação pela sciencia, e que aos 85 annos continua trabalhando com equal fé e aquelle entusiasmo que muitos de nós perdemos antes de completos os 20!

A. Quintanilha

1.º assistente de botanica do Inst. Bot. de Coimbra



O professor Julio A. Henriques, aos 85 annos (1922) (Cliché prof. Korbe Brito)

# Concurso das Mascaras Misteriosas



Quem é a dama mascarada?

dos premios um mez depois da publicação das 2 ultimas, que sairão em 20 do corrente — portanto, em 20 do proximo mez de fevereiro.

Significa isto que ainda resta mais dum mez, aos leitores da *Ilustração*, para se habilitarem aos premios em questão, em numero de tres, a saber:

1.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de TODAS AS MASCARAS.

2.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de TODAS AS MASCARAS FEMININAS.

3.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de TODAS AS MASCARAS MASCULINAS. E' constituído, conforme temos dito, o referido

## 1º Premio

por um magnifico tapete de Arrazolos, ca-

Tendo sido inaugurado, no n.º 874 da *Ilustração Portuguesa*, o CONCURSO DAS MASCARAS MISTERIOSAS, 18 das referidas mascararas já se encontram publicadas, o que quer dizer que, com um numero mais, ou seja mais 2 gravuras, o referido concurso ficará encerrado. Conforme as suas condições, que publicamos aqui repetidas vezes, serão, de facto, 20 as mascararas a inserir, procedendo-se á atribuição

racterística industria nacional, a que noutra pagina nos referimos desenvolvimente.

Mede, o referido tapete, 1.º20, por 1.º40 e, as suas cores, cinzento, em varias gradações, castanho, preto, azul e verde, formando harmoniosissimo conjuncto policromico, a um tempo sobria e artisticamente matizado, tornam-o um verdadeiro espezimen, com todas as suas caracteristicas da preciosa industria local de que é, ao mesmo tempo, um dos mais aperfeçoados exemplares. O seu preço de venda é de 250 escudos.

Os

## 2.º 3.º Premios

destinados, respectivamente, aos primeiros decli-

fradores da colecção de mascararas femininas e da colecção de mascararas masculinas, serão constituídos, cada qual, por 12 volumes, á escolha do premiado, de entre os que até á data do encerramento do concurso, tiverem sido publicados pela Secção Editorial de *O Seculo*.

Quanto á remessa de decifrações chamamos a atenção dos leitores para as condições anteriormente publicadas na *Ilustração*



Magnifico tapete de Arrazolos, medindo 1.º20 por 1.º40, oferecido para 1.º premio d'este concurso pela firma Rosado & Pinto

## ESCLARECIMENTO

Durante o mez que decorre entre a publicação das duas ultimas mascararas e atribuição das mesmas continuarão a ser recebidas soluções, as quais poderão ser-nos remetidas conjuntamente, contanto que venham em folhas separadas e com a indicação, em cada folha, do numero da *Ilustração* a que se referem.

Fica assim esclarecida a duvida neste sentido enunciada por alguns dos nossos presados leitores.

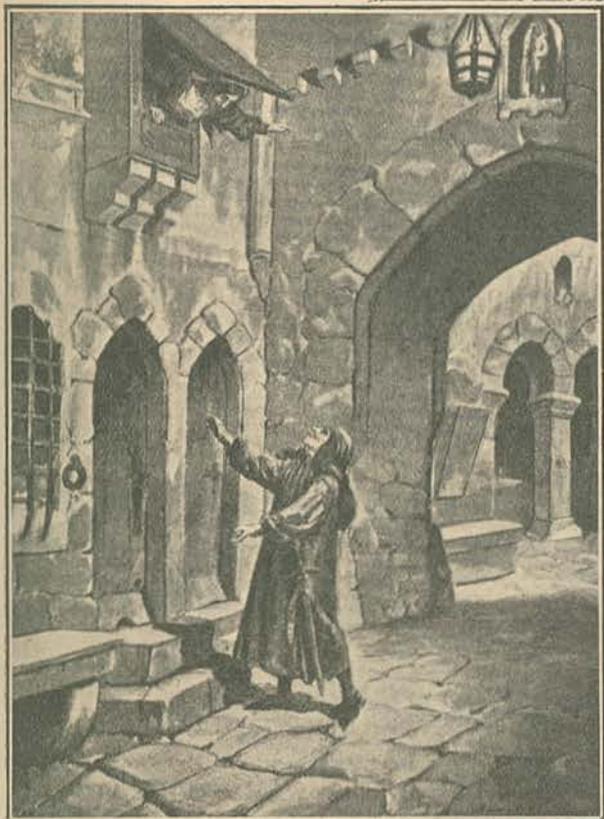
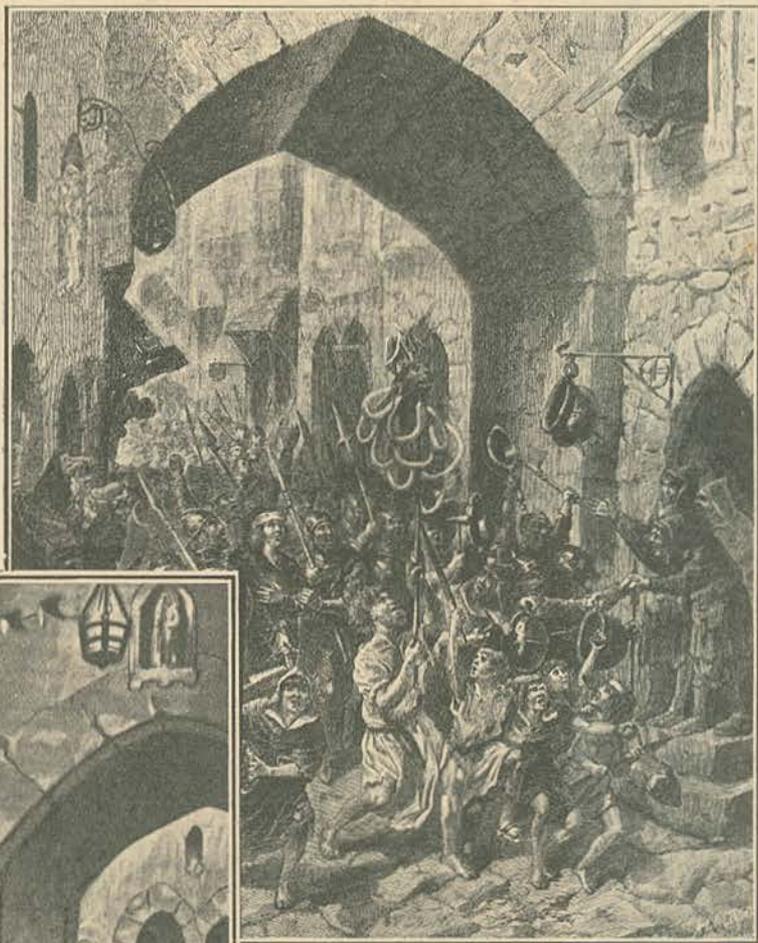
# Ha Muitos Anos...

## O ARCO DE SANT'ANA

Um leitor de *O Seculo* informou, ha dias, este jornal, de que o pouco que ainda restava do famoso Arco de Sant'Ana, no Porto, immortalizado por Garrett, estava o camartelo deste seculo de coisas praticas tratando de demolir. E pedia que se protestasse contra o vandalismo, pois, embora ja existisse só, desse arco, um muro e uma janela antiga, mesmo assim esses escasos despojos ainda bastavam para interessar os fofastros e atrair ao local multos entuslastas pelo culto do passado.

Ja contra esse mesmo camartelo protestava o proprio Garrett (1), ao escrever o seu *Arco de Sant'Ana*, cuja primeira edicao apareceu em 1844, como se sabe, isto é, ha quasi um seculo! — o que quer dizer que o desrespeito pelo passado não é pecha, pelo menos entre nos, de nossos dias, mas vicio herdado do proprio passado...

E os inconvenientes de tal desrespeito são flagrants, avolumando, neste caso, o de não se saber bem como era o proprio arco. Ainda o conheceu Garrett, ao que afirma (2), mas dele não nos dá noticia desen-



Composição e desenho originaes de Manuel de Macedo, gravura de Alberto, para *O Ocidente* (N.º 24 — 1 ano — 15 de Dezembro de 1878 — Pag. 188)

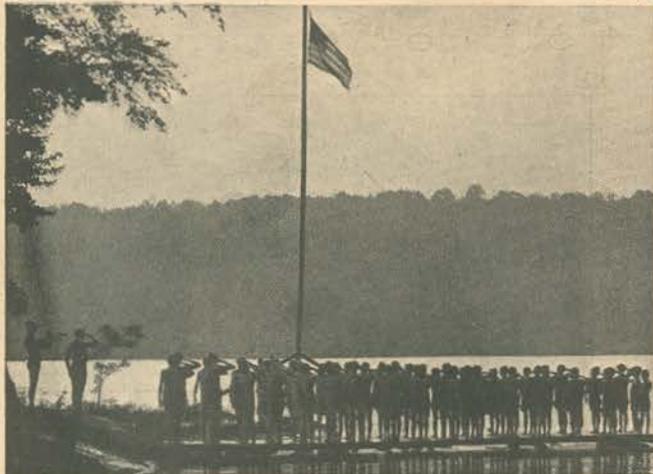
volvida e assim é que, assinadas pelo mesmo artista, Manuel de Macedo, aliás um incansavel investigador e um verdadeiro erudito em questões de architectura e indumentaria arqueologicas, encontramos duas reconstituições do arco de Sant'Ana, com uma differenciação capital: numa, o nicho da «Senhora Santa do Arco», padroeira de Aninhas, fica á direita (das figuras do desenho), na mesma parede da casa de Aninhas, e, na outra, na curva do proprio arco.

Deve dizer-se que, da leitura do romance, parece depreender-se que, como está na segunda, é que está bem. A mesma conclusão nos levando o raciocinio de, sendo este desenho posterior, o seu autor se haver documentado melhor. De toda a maneira a duvida existiu, se é que não persistirá, e tal se não teria dado se o arco houvesse sobrevivido pelo menos um seculo ao picaresco desastre do pobre José do U. Isto é, se ainda restasse dele mais alguma coisa que o tal muro e a tal janela em transe, esses mesmos, de desaparecem de todo...

Aquarela de de Manuel de Macedo e Roque Gameiro, das *Obras Completas* de Almeida Garrett, edição da Empresa da Historia da Portuga (Vol. II (em frente de pag. 8) 1904)

(1) e (2) Veja *O Arco de Sant'Ana*, edição da Secção Editorial do *Seculo*, pag. 1.

# O Campo de Férias de Orcawana



Continência à bandeira ao, pôr do sol

AINDA no nosso anterior numero tivemos agradável ensejo de, a proposito do professor Antonio Maria Guerreiro, residente em S. Paulo (Brasil), nos referirmos á esforçada iniciativa e benemerente acção dos portugueses fora do seu paiz, e já outro exemplo se nos oferece, de caracter a não menos nos lisonjear. E' um extrangeiro quem, desta vez, nos faculta elementos para fazermos justiça a um outro nosso pátrio illustre.

Mas demos a palavra ao nosso amavel Informador, o sr. Frederico Koehler, de naturalidade suíssa, e residente em Nova York: Visittel, ha cerca de um mez, um campo de férias de Y. M. C. A. (Associação Cristã da Mocidade), organismo que possui uma extensão formidavel neste paiz, e que tem obtido magníficos resultados no cumprimento da sua benemerita missão. O campo de férias a que me refiro é uma secção do referido organismo, que se dedica especialmente á educação física e espirital da mocidade franceza de Nova York, durante os meses de verão.

Dirigido por um portuguez, é um dos mais bem montados do Estado de Nova York

Orcawana se denomina, e acha-se situado nas margens de um lindíssimo lago, habitada, em tempos jonguicos, pelos indios. Nada all falta para o desenvolvimento físico, dos que o frequentam, praticando-se o tennis, o foot-ball, natação, rimos, etc., e existindo entre todos o mais cordeal estímulo, conducente á obtenção dos maximos resultados.

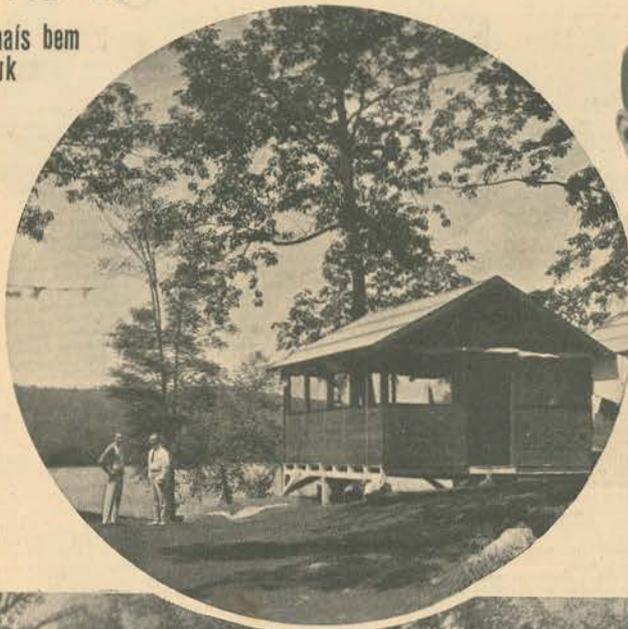
Tive a honra de ser apresentado ao superintendente do Campo, e esse cavalheiro, por sua vez, me apresentou ao director do meo campo, sendo-me:

— Aquel onde o vê, apesar de sr um homem pequeno, é um grande homem. Dispense-me de lhe frizar a enorme responsabilidade que pesa sobre os ombros, mas não deixarei de lhe afirmar que o seu valor ainda mais avulta perante os magníficos resultados obtidos pelo seu esforço, que todos o respeitam e admiram, a bondade com que fazia a coração dos rapazes, cria-lhe um aplgo em cada um deles e que o reconhecimento de tantas qualidades nos deixa a todos perplexos!

Acrescentando, por meu lado, que esta secção é actualmente considerada como uma das mais bem mantidas da Y. M. C. A., no Estado de Nova York, e com viva satisfação que communico a V. o nome do tal grande homem pequeno: Ernesto de Sousa, de Lisboa.

Durante uma conversa com Ernesto de Sousa, tive ainda occasião de saber que foi um dos introductores do escolismo em Portugal, e de me convencer de que bem andara a America, onde elle continua a disfructar a simpatia e a admiracão de toda a gent., em lhe utilizar os seus talentos e a grande e proficiente falange de seus applicadores.

Registando este elogio de um estrangeiro a um portuguez que, pessoalmente, não conhecemos, escusad' será repetir que é com mais do que satisfação, com verdadeiro orgulho, que o fazemos.



Ernesto de Sousa  
Director do Campo

No medalhão: A barraca do director, vendoso, á esquerda, o segundo director e o seu ajudante



P.ssej. no lago, apoz o jantar



Exercícios físicos matinaes

# Os Tapetes de Arraiolos

UMA INDUSTRIA BEM  
PORTUGUEZA CUJO  
RESSURGIMENTO DEVE  
INTERESSAR A TODOS  
OS PORTUGUEZES



Grupo de bordadoras da fabrica Rosado & Pinto

CALCULA-SE que tenham sido manufacturados, ha 300 anos, os primeiros tapetes de Arraiolos. De seguro, que sem caracter algum industrial. Para preencher os serões, alguma rica dona — quem sabe se modestissima vilã ou recatada monja; — entraria de ajustar pedacinhos de lã e, inspirando-se aos modelos das tapeçarias orientaes, figuraria o primeiro rectangulo d'esta bordadura que viria, com o tempo, a constituir objecto de uma das industrias mais caracteristicas do paiz.

O que parece averiguado é que a tradição originária do fabrico dos tapetes de Arraiolos se perdeu, sabendo-se apenas que este fabrico teve a sua época de florescencia, entrando, depois, em decadencia declarada, que durou um bom meio seculo.

Até que, ha cerca de seis anos — em Março de 1917, uma exposição se realisou no Museu do Carmo, em Lisboa, de uns 50 magnificos exemplares da antiga tapeçaria de Arroiolos, que possuiu o condão, não só de encantar quantos a visitaram, como de despertar por esse ramo, por assim dizer extinto da manufactura nacional, verdadeiro interesse.

Para muita gente, constituiu, mesmo, a referida exposição, uma verdadeira revelação, sendo depois que essas preciosidades até então apenas apreciadas por artistas e amadores, passaram a ser disputadas por toda a gente de bom gosto.

D'aqui o incentivo natural ao ressurgimento da industria, ressurgimento em que se empenharam meia duzia de benemeritos, e a fundação da fabrica pertencente á firma Rosado & Pinto, hoje em plena prosperidade.

Dirige, artisticamente, essa fabrica a sr.<sup>a</sup> D. Jacinta Leal Rosado, uma das mais entusiastas iniciadoras da renascença arraiolense, sendo sub-directora da mesma fabrica a sr.<sup>a</sup> D. Maria Jacinta Pinto Xavier, e gerente o sr. João Marcos Pinto e orçando por 50 o numero de pessoas que trabalham n'ela, bordadoras, fabricantes de franja e dobadoras de lã, etc., pois que as flanderias é em suas proprias casas que tecem o fio.

Aos trabalhos de bordadura, realisados em grupos de quatro, cinco ou seis bordadeiras, conforme as pro-

porções do tapete em execução, preside a sub-directora da fabrica, sendo de notar que, n'esta, não existe uma unica maquina, tudo ali é executado á mão. Assim como pelo que respeita á tinturia, nem um producto quimico (anilinas etc.) é empregado, sendo utilizados exclusivamente corantes vegetaes, o que não impede, antes pelo contrario, garante em absoluto a inalterabilidade das cores obtidas.

Pois, precisamente, duas das caracteristicas d'esta industria é o processo manual do seu fabrico, que permite variar ao infinito as combinações de desenhos e de colorido, sem que um e outro jámais se repitam, e a fixidez desse colorido que resiste á acção do uso e do tempo, em termos de apresentaram a frescura de novos não poucos dos antigos tapetes a que acima nos referimos, não obstante os seus trez seculos de existencia.

Mantendo estas caracteristicas, bem como as linhas geraes desses exemplares padrões, os productos modernos da antiga industria arraiolense tem ainda a valorisa-los uma variedade de desenhos e bom gosto na distribuição das cores que os recomendam a um tempo, como preciosa reliquia de uma industria antiga e elegante especimem da mais moderna das industrias.

D'aqui, constituir elemento decorativo indispensavel, numa sala ou num *boudoir* verdadeiramente *chic*, um tapete ou uma *carpete* d'Arraiolo, ainda com a vantagem de, neste caso, o *chic* se aliar ao economico, pois

que, valendo muito mais, sob todos os pontos de vista, que a maior parte dos productos similares estrangeiros, as manufacturas arraiolenses custam dez vezes mais baratas.

Seria injusto encerrar esta allás brevissima noticia sobre os modernos tapetes de Arraiolos sem tornar a citar os nomes das srs.<sup>as</sup> D. Jacinta Leal Rosado e D. Maria Jacinta Pinto Xavier, illustres directora e sub-directora da fabrica Rosado & Pinto, e do seu gerente sr. João Marcos Pinto, verdadeiros benemeritos do tradicionalismo portuguez, pela sua patriótica iniciativa e pelo seu abençoado esforço no sentido da ressurreição de uma das mais caracteristicas industrias nacionais.



Manufactura de franja e dobagem de lã

TEA-  
TRO  
DE  
S.  
CARLOS



COM-  
PA-  
NHIA  
LI-  
RICA

Melo soprano *Helena Sadoven*, que cantou a *Carmen*

**E**STÁ começada a época lírica, o que significa que Lisboa cumpre o mandato mundano das capitais que se presam universalmente. Isto causa engulhos a uns, torturas a outros, dissabores a multíssimos. Faz correr muito dinheiro, muitas opiniões contraditórias, alegrias, resabios, invejas e contrariedades. É um pretexto de luxo e de miséria—para os dinheirosos que lá

podem ir, para os desventurados que não possuem carreiras emi soras. Estava na tradição da opera italiana. Mas como o tempo muda tudo, até o culto e arte se transformam. Hoje S. Carlos é cosmopolita.

Iniciou a sua temporada ordinaria com a 1.ª recita extraordinaria da opera-comica de Bizet *Carmen*, do agrado geral e que Nietzsche elevou tambem ás merecidas nuvens da *limpezza* para arrelhar Wagner, a quem havia retirado a velha amizade. De lá está dito e redito tudo e nós imolamos, gostosamente, o espaço que nos reservavam, a belos retratos de alguns artistas da companhia, dando assim um praser á vista dos queridos leitores da *Ilustração*. Apenas podemos, por agora, fazer passar uma rapida fita impressionista.

*Carmen*, a de Mérimée, posta em libreto por Meilhac e Helévy e musica de Biset, canta ás vezes:

... *Il est mélancolique  
De danser sans orchestre. Et vive la musique  
Qui nous tombe du ciel!*

Viva a musica!...

A meio soprano sr.ª Sadoven, o tenor Bielina a fazem viver na *Carmen*, em que se estrejou a nossa patricia, sr.ª D. Fernanda Corte Real, prometedormente.

Veio, depois, o *Barbeiro de Sevilha*, que foi realmente de *qualità*, como depois se referirá.

José Parreira



Soprano Ilgeiro Alda Sari, a Rosina do *Barbeiro*

Tenor *Stefau Bielina*  
Interprete do D. José,  
da *Carmen*



Tenor *Casenane* que can-  
tou o *Barbeiro*

A direita: barltono *Crab-  
bé*, que cantou o *Barbeiro*



# "Estrelas, e Aizes, do Cinema"

NO passado dia 16, realizou, na sala da Societé de Géographie de Paris, o dr. Pierre Vachet, professor da Escola de Psicologia, uma conferencia sobre a suggestão e auto-suggestão, explicando e demonstrando o metodo Coué. Esta conferencia, como a precedente, promete ser extraordinariamente interessante, servindo-se M. Pierre Vachet durante a sua exposiçãõ de «films» tirados sob a sua direcção. M. Pierre Vachet é o discipulo dileto do dr. Coué, que, ha pouco, esteve entre nós.

— Stuart Blackton, o grande «meteor en scene» que produziu o «film» de grande exito «A glória aventura», propõe-se, nos seus proximos trabalhos, continuar a evocar curiosas figuras românticas do passado. Blackton, que escolheu para a sua primeira produçãõ «lady» Dinna Mauners, não

Alice Brady uma das mais interessantes figuras da «scene» mudã



hesitou em contratar o conhecido «boxeur» Georges Carpentier, para interpretar o principal papel de «A Gipsy Cavalier» («O elegante boémio»).

— Anunciou-se, ha tempos, a filmagem de uma pelucula, levada a cabo por M. Jean Leune, em que a figura principal seria a do heroi Antãr, o cavaleiro arabe de que a lenda tem um enorme prestigio na Algeria e em Marrocos.

Este «Antãr», extraido de um romance, ainda inédito, de M. Gustave Rouget, está terminadõ.

Tirado em pleno deserto e no interior de palacios, em terraços e jardins e nos descampados de Mazagran, de Azenmour e Marrakech, o «film» utilisou caravanas, cavaleiros (atã 6.000!), cortejos, desfiles e combates intercalados na açãõ.

Mlle Lucette Caron desempenha o papel de Abla e todos os outros interpretes sãõ indigenas.

A formosa «estrela» da cinematografia franceza: Lucette Dufflos



Doas scenas do 1.º e 3.º episodios do magnifico film, adaptaçãõ da celebre obra de Julio Verne, Matias Sandorf, que o Seculo estã publicadõ em folhetins e o Cinema Coudez estã indõ

# FIGURAS & FACTOS



**CARLOS MALHEIRO DIAS**

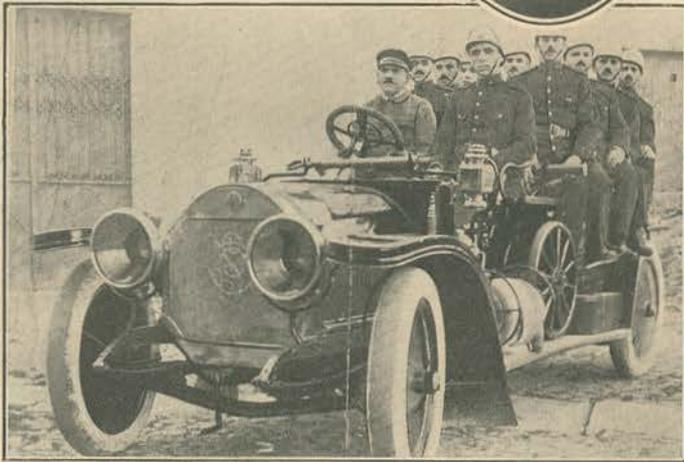
o eminente homem de letras e director da Revista da Semana do Rio de Janeiro, esperado brevemente em Lisboa.

**TEIXEIRA de QUEIROZ**

Grande romancista, cujo eloquio historico sera preferido pelo sr. dr. Augusto de Castro, em Marco proximo, em sessao solene, na Academia das Sciencias



Automovel de pronto socorro dos Bombeiros Municipais de Braga, recentemente inaugurado



**CARLOS REIS**  
e  
**JOÃO REIS**

os dois illustres pintores a quem, de regresso da sua viagem a Argentina, foi ophyreico, no dia 6 do corrente, em aluocao de homenagem, no Cafe Tavares



A mais do jurí que prendeu á extracção, no passado domingo, no Salão da Ilustração Portuguesa, dos 35 premios em dinheiro, no valor de 20.000\$000, e outros tantos valiosos brindes, aos concorrentes do ultimo concurso de O Seculo.

Ao centro, da gravura o representante da autoridade, sr. Alexandre Morgado, secretario geral da policia, e, á esquerda deste, o sr. Mario do Rosario, secretario do conselho de administração de O Seculo.

(Cliché Salgado)



**NO OVAL:**  
O novo edificio, para posto de socorros e balneario, da Rua Rodrigues Faria, inaugurado, no dia 7, pela benemerita Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha.

**A' ESQUERDA:**  
Espectaculo que fez parte dos brillantes festejos em honra dos aviadores, promovidos pelos alunos da Escola Machado de Castro e realizados nos dias 3, 4 e 5 do corrente, na mesma Escola.

(Clichés Salgado)

**A' DIREITA:**  
A sr.ª D. Maria da Graça Monteiro e o sr. Manuel Pinto de Sousa, professor offical, cujo casamento se realizou no dia 1 do corrente, na igreja do Bomfim, Porto.

# O EXTRANGEIRO EM FÓCO

## EINSTEIN

Celbre físico alemão,  
cuja visita à  
Península  
Iberica se anun-  
cia  
para breve



## LENINE

Ditador  
bolchevista que,  
à data em  
escrevemos, mais uma  
vez se  
afirma achar-se moribundo.



### A malograda Conferencia de Paris

Alguns dos vultos mais importantes que tomaram parte n'ela, segundo esboços de Berings, para Le Matin.

(Da esquerda para a direita: M. de Lasteyrie, ministro das finanças francez; M. Poincaré, presidente do conselho de ministros frances; M. Bonar Law, primeiro ministro britânico e o marquez de la Torretta, delegado italiano.)



#### D. JAYME CARDONA

Bispo de São  
e Patriarca das  
Índias, recentemen-  
te falecido em  
Madrid

#### CHARLES VAILLANT

Ilustre radiologista  
frances que  
perdeu as duas mãos  
sob a acção  
dos raios X.

#### EDUARDO JENNER

Medico inglés,  
descobridor da vaci-  
na, cujo centená-  
rio vai ser comemor-  
ado.

#### VITOR MARGUERITTE

Romancista frances  
irradiado  
da Legião d'Honra  
por causa do seu  
ultimo romance

#### SADI LECOINTE

Aviador frances  
que acaba de bater  
o record  
do mundo em  
velocidade.

#### ORTEGA MUNILLA

Conhecido escriptor  
hespanhol  
falecido ha poucos  
dias,  
em Madrid



## DA PLATEIA...



Agora vos direi que não é raro,  
Quando estou na plateia,  
Fazer, durante a peça, mais reparo  
No que fóra da scena me rodeia,  
Do que no proprio palco e nos actores,  
Pois entre espectadores  
Tambem frequentemente  
Ha quem varias comedias represente.

Nas ultimas fileiras  
Sentou-se em seis cadeiras  
A familia do velho Maldonado,  
Que só val ao teatro no Natal,  
Na Pascoa e Carnaval  
Ou num aniversario assinalado;  
Por exemplo, na data em que a Filina,  
Que é a mais pequerrucha,  
De todo se curou da escarlatina  
E voltou novamente a pedir chucha.  
Val ao teatro para rir, e ri  
Seja lá do que fór;  
Ri-se da *Morgadinha de Vallór*,  
Da *Mamá Colibri*,  
E até, se bem me lembro, duma vez,  
Julgando que o *Otelo* era entremés,  
A pequena do melo poz-se a rir  
De gorra com a mana.  
E gritou ao Brazão: — «O' Gungunhana!  
Val-te despir!»

Além, o Artur, danado por mulheres,  
Como a dêle é por homens, afinal,  
Diz a quem tem ao pé  
Que nunca val senão ás *prunières*  
(Pronunciando o *s* do plural  
E pondo acento no primeiro e...)  
— «Porque não ás segundas?» — «Ora essa!  
Responde êle ao visinho. E a novidade?  
«Depois de vista, a peça  
«Já não tem o melhor: a virgindade.  
«E' tambem um preceito  
«Que em negocios d'amor eu sempre sigo.  
«Mulher, meu bom amigo,  
«Que não seja donzela, nada feito...»  
Com um leve sorriso o amigo aprova,  
Pois conheceu-lhe a esposa quando nova,  
Nos tempos de solteira,  
E acompanhou-a em muita brincadeira...

Madame Laura Dia:  
(Como esteve em Paris desolto dias  
Todos a tratam por *madame*) aclara  
Que viu o drama lá na *Comédie*  
E acha ousadia que se leve aqui.  
— «Aquele personagem fê-la a Sara...»  
— «Sara, na *Comédie*?» observa alguém.  
— «Ou no *Ambigu*, não me recordo bem...»  
«Credo! aquele papel  
«Fê-lo a Simone. O outro é da Sorel;  
«Se viiss'm no galá  
«O *Coquelin aîné*! O *Coquelin*!...»  
— «Ha quanto tempo esteve no estrangeiro?»  
Preguntam-lhe do lado.  
— «Ha um mês, em Janeiro...»  
«Porque pergunta?» — «Vou dizer porquê:  
«E' que esse tal, o *Coquelin aîné*  
Foi ha uns poucos d'anos enterrado...»  
Madame Laura apruma-se, sorri,  
Pensa um bocadinho e infere:  
— «Não foi? Então seria o Mollère,  
Ou o Mounet-Sully...»

Nas cadeiras adeante  
Sete amigos do autor que hoje se estrela.  
Cal o pano. Sussurro na plateia.  
Puxa palmas a *claque* ao estreado  
E os mencionados sete,  
De quem é camarada  
E a quem paga as celatas na Garrett,  
Desandam em tremenda pateada.  
Depois, correm lá dentro, ao camarim,  
Onde o infeliz procura sombra e paz  
E aquillo é mais a mim  
De parabens e abraços no rapaz!  
— «Mas o drama, diz êste envergonhado,  
«Não é lá grande cousa...»  
Eles: — «Nunca se viu tamanho agrado!  
«A nossa opinião  
«E' que fizeste, além d'um figurão,  
«Um *Frei Luiz de Sousa*.»  
E, acabando o intervalo,  
Regressam ao logar a toda a pressa,  
Com êste dito, sobre o autor da peça:  
— «Isto é que é um cavallo!»

O nosso caro Bento, ex-carvoeiro,  
(Dois mil contos de réis em melo ano)  
Assinou o Zacconi, mas primeiro  
Tomou quatro lições de italiano:  
Val com êle a mulher, D. Henriqueta,  
Que apesar de ter ganho em hortallça  
Outros dois mil, como era de justiça,  
Continua muitissimo forreta:  
Emfim, a nova rica  
Está desesperada  
Porque não compreende mesmo nada  
Do que em scena se conta e o Bento explica,  
E, tendo gasto tanto sem proveito,  
De momento a momento,  
Diz aquillo que mais lhe acode ao gelito  
E descompõe o Bento.  
Este, superior, com a vaidade  
Do seu italiano, não responde  
Senão lá de onde em onde,  
A's fúrias da metade.  
Foi na *Morte civil*  
Que estive ao pé dos dois. Ela, ao marido,  
Zangada e curiosa:  
— «Que quer dizer o título?» — «Imbecil!  
Responde o Bento, meio aborrecido  
«E' morte que não é religiosa.»  
Muito amavel depois: — «*Per la Madona!*  
«Sempre és muito boçal, ó *bella donna!*  
Ela, toda indignada:  
— «Olha que eu lá em casa dou-te um murro!  
«Se tu me tornas a chamar pomada!  
«Pois se eu sou unguento  
«Tu és um grande burro!»  
Replica-lhe faceto o nosso Bento,  
Em voz baixinha e meig:  
— «Julgas que me injurias? Coitadinha!  
«Mas, afinal, chamaste-me... Advinha...  
«Repete, ó ignorante!»  
— «Burro!» — «Bem sei: chamaste-me manteiga,  
«Na doce lingua de Petrarca e Dante.»

Ha comedias ou não, fóra de scena?  
Por hoje, satisfaça-se o leitor  
Com estas que ai tem,  
E sabado que vem  
Terá a prosa amena  
De Zoilo, Mario Costa—e o mais que fór.

# Seara alheia...



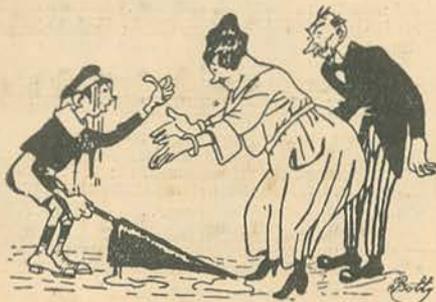
—E' o que eu tenho mais medo, é de greves! Felizmente sou um homem que sempre soube tomar muito bem as suas medidas!...

(De Buena Humor—Madrid.)



—Quem vem a ser esta mulherzinha?  
—A' uma... videntel!...

(De Le Pettit Journal—Paris.)



—Al, meu filho! Vens todo molhado!  
—Foi o sr. professor que me mandou cá, para dizer que, se quiserem, como está a chover muito, posso jantar no collegio...

(De Buena Humor—Madrid.)



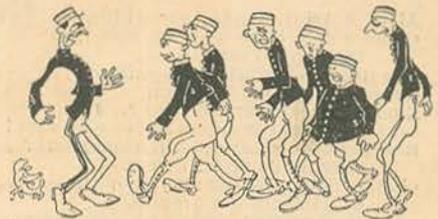
—Se não está pronto o jantar, vou comer a um restaurant!  
—Dignar-te-hias esperar uns cinco minutos?!  
—Mas decorridos cinco minutos...  
—Está descansado E' o tempo de me vestir, para ir contigo...

(Do London Opinion—Londres.)



—venham d'al, dar um passelo!...

(De L' Intransigeant—Paris.)



—Ratos os parta! Já lhes disse que marchem com marcialidade! Ponham os olhos em mim, com mil diabos!

(De Buena Humor—Madrid.)



—A culpa é tua! Disses e-lhe que fizesse de conta que estava em sua casa!...

(De L'Intransigeant—Paris.)



LUCY

De Plinio Paes Leme de Abreu

Valsa *ss*

PIANO

The musical score is written for piano and consists of ten systems of music. Each system has a treble and bass clef staff. The key signature is two flats (B-flat and E-flat), and the time signature is 3/4. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. A large, semi-transparent watermark of a sunburst is overlaid on the center of the page. The score concludes with a double bar line and the marking "D.C. *ss*".

10<sup>a</sup> 20<sup>a</sup> Fim

11<sup>a</sup> 12<sup>a</sup> D.C. 1<sup>a</sup> parte

13<sup>a</sup> 14<sup>a</sup> 15<sup>a</sup> 16<sup>a</sup> 17<sup>a</sup> 18<sup>a</sup> 19<sup>a</sup> 20<sup>a</sup> D.C. *ss*

# Página



A CHUVA e o frio obrigam a mulher a estudos tendentes a conciliar a ideia da elegancia com as exigencias inadiaveis e positivas do conforto. E' que, ainda mesmo na escolha da «toilette» destinada a' figurar nas ruas da cidade, quando da aboboda pardacenta e sombria cae a chuva fina ou torrencial, a alagar-nos da cabeça aos pés, a pôr os nossos pobres vestidos n'um deploravel estado que a elegancia não reconhece, a mulher afirma a sua intuição de «chic» quando sabe pôr de parte o que só á luz do sol realça e vestir o que melhor combina com o ambiente triste e humido d'um dia chuvoso.

D'entre toda a multidão que cruza apressada as ruas, encolhida sob um guarda-chuva, n'uma illusoria esperança de abrigo, é vêr como nos cha-

ma a atenção uma ou outra «silhouete» — raras, verdade seja... — de mulher que escolheu para esse dia um vestido escuro e simples sobre o qual veste um «manteau» de linhas correctas e sobrias, prudentemente impermeabilizado. E completando a «toilette» com um chapéu de forma coquette em verniz ou pelica, com umas luvas de camurça ou pele forte, com botas de cano alto e salto á franceza, ela aí vae, distinta e graciosa, afrontando intemerata a chuva que parece tomada de respeito pelo seu «chic».

E' que esta mulher conhece a principal lei da elegancia: vestir com propriedade.

# Elegante



I—Manteau para a chuva em gabardine bege impermeabilizado

II—Manteau em tecido forte cor de aveia impermeabilizado

III—Casaco pratico para dias de inverno em veludo de lã cor d'aveia

IV—Para dias chuvosos: Manteau de setim p eto impermeabilizado

V—Tailleur elegante em veludo lã cor de aveia, guarnecido com saigneur gris

VI—Tailleur pratico em perlatine gris ornamentado com vizes de verniz preto

VII—Tailleur de veludo de lã gris fer guarnecido com pele de lontra

VIII—Tailleur em sarja azul guarnecido com galões de seda e pele d'agneau gris

E o que sucede com a chuva repete-se com o frio.

Não ha nada mais desagradavel do que vêr perpassar pelas ruas ou pelos passeios, nos dias frigidissimos do inverno, mulheres palidas de frio, com a pele engelhada pelo nordesle cortante, olhos afundados nas orbitas, labios arroxendo sob o «baton», com a garganta nua, o peito desprotegido e os braços a adivinharem-se na transparencia do tecido!

Oh! as senhoras que assim se apresentam na rua cometem dois erros graves: o primeiro consiste em pôr levanamente em jogo a sua saude, o segundo em infringir lamentavelmente as leis primordiais da elegancia propriamente dita, que, como acima dizemos, impõem como dever restricto vestir com propriedade segundo as circunstancias metereologicas e sociaes e a situação material das interessadas.

Saber vestir é alguma coisa de mais importante e complicado do que escolher figurinos e andar a par das mais recentes inovações da moda...

AGARENA DE LEÃO.



AQUI SE DIRA  
DOS LIVROS  
CUJOS AUTO-  
RES, ENVIAN-  
DO-OS A BI-  
BLIOTECA DA  
ILUSTRAÇÃO  
PORTUGUESA,  
MANIFESTEM  
O DESEJO DE  
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS  
LEITORES A PROPOSITO DE TU  
DO'E O MAIS QUE OCORRER.º

## CRONICAS DE VIAGEM, por Armando Ferreira

**H**UMORISTA, crítico teatral e crítico literário, engenheiro que exerce a sua profissão, amenizando as horas vagas com o cultivo das letras, Armando Ferreira é também um apaixonado viajante. Nas suas risonhas e pitorescas *Cronicas de viagem*, publicadas agora em edição da «Lumen», diz nos o que observou, o que sentiu, o que ficou com interesse e encanto percorrendo Madrid, San Sebastian, Biarritz, Bayona, Paris, Bruxelas, Ostende e Londres. As impressões despreziosas, e quasi sempre alegres, de Armando Ferreira, coadadas atravez do seu temperamento de optimista, são interessantes e em certo modo valem pelos melhores roteiros, ao mesmo tempo que avivam gratas lembranças a quem já visitou os sitios cuja rapida, galopante descrição nos faz o autor. A este volume seguir-se-ha outro de cronicas sobre França, Suissa e



Armando Ferreira

Italia. Armando Ferreira cre que «um livro de viagens tem sempre muitos leitores». Também nos parece, e é de esperar que a opinião se confirme agora, praticamente, uma vez mais.

## CINZAS MORTAS, por Rodrigo de Castro

Sub-intitula-se este livro «Na morte de Antonio Granjo». Trata-se de um sentidissimo preito á memoria do desventurado estadista, vittima do mais ignobil e repugnante dos crimes. O sr. Rodrigo de Castro ergue diante de nós, com o perfil do soldado, do homem de letras e do politico, que soube enaltecer a Patria e a Republica, o mais vehemente protesto contra o meio que facilitou a tragedia. *Cinzas mortas* encerram alguns subsídios para a historia das nossas convulsões politicas contemporaneas, subsidios valiosos porque são o depoimento de um portuguez e de um r publicano bem intencionado, cujo coração ficou sangrando com o golpe cruel que n'ele vibrou a horda cambalesca do Arsenal. O produto da venda do livro do sr. Rodrigo de Castro tem um piedoso destino, profundamente simpatico: beneficiar as sobrinhas de Antonio Granjo, que ele amava como suas filhas, e a quem desejava ter legado alguns bens de fortuna, se não morresse pobre. O autor dedica as *Cinzas mortas* a varias pessoas, em cujo numero se conta Cunha Leal, «símbolo do cavalheirismo, da honra, da valentia e da Lealdade.» O volume contem interessantes gravuras e na capa um optimo retrato de Antonio Granjo. Recomendamos a sua sua aquisição.

## NAS CURVAS DO CAMINHO, por Rodrigues Pepino

Quasi exclusivamente colleção de sonetos, o volume intitulado *Nas curvas do caminho* revela-nos um poeta

UMA LEITORA DA ALDEIA.—Sem nenhum incomodo consegue V. Ex.ª tirar facilmente dos dedos as manchas de tinta de escrever, friccionando-os com um pouco de lá embebida numa solução concentrada de hipoclorito de potassa.

seguro, em regra, da tecnica, buscando temas no que de mais belo possui a paisagem da sua linda terra, cantando o amor e todos os sentimentos nobres, registando impressões de perto e de longe, e tudo sem pretender estadear singularidades de estilo e novidades de escola, pois que se pauta pelos velhos modelos. O sr. Rodrigues Pepino nem sempre será impecavel, não o é, decerto; preferiamos que seleccionasse ainda mais os seus versos, não sacrificando ao numero a perfeição. O poeta anuncia mais quatro volumes de sonetos e poemas. Vê-se que é extremamente fecundo. O reparo que deixamos feito convinha que fosse tomado em conta nas proximas publicações. A qualidade deve estar sempre acima da quantidade e o sr. Rodrigues Pepino demonstra gosto e criterio que nos levam a supor que é também essa a sua convicção.

## ALMA TRITURADA por Maria B. Kent

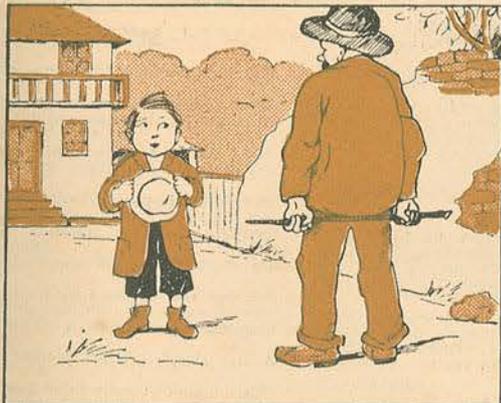
No prefacio (firmado por Willemina Van der Haagen) de *Alma triturada*, obra sob cujo titulo se lê a indicação de «romance», diz-nos a prefaciante que as cem cartas que constituem o volume lhe foram escritas por uma amiga e camarada de leccionações, de nome Estefania Carvajal, e que, em forma epistolar, lhe confidencia a sua historia que ella propria classificava de «quasi inverosimil». Estefania morreu e Willemina, previamente autorizada, publicou a correspondencia. As durs amigas, sendo portuguezas, conheceram-se e estimaram-se no Brasil, no exercicio da mesma profissão. Os editores, numa nota final, ponderam: «Livro de viagens, de costumes, de paixão, de saudade e de amargura? De tudo um pouco, como de tudo se compõe a existencia humana no seu deslisar, atravez da vida, unindo e quebrando indefinidamente os nós da sua maranhada teia. E acrescentam: «Neste momento, em que tanto se fala do Brasil e se celebra com tanto entusiasmo a sua independencia e civilização, obra imensa das qualidades da raça, este episodio em que alguns da sua vida íntima e da sua admiravel paisagem são levemente tirados, era uma contribuição a que não podia faltar o coração duma portuguesa, que atravez de toda a sua vida de expatriada nem um minut' deixou de ter os olhos fixos na amada Patria.» *Alma triturada* figura-se-nos, com effeito, um trabalho digno de lêr-se. Tem drama, observação, flagrantes notas de psicologia, não faltando curiosos esclarecimentos de interesse etnografico e linguistico, informações sobre usos brasileiros, etc.; é, em suma, um livro, um romance se quizerem, muito humano e muito feminino. O estilo, facil, espontaneo, elegante na sua simplicidade, corresponde perfeitamente ao genero epistolar. Quem inicie a leitura de *Alma triturada* levar-a-ha até o fim com um crescente desejo de lhe conhecer o desfecho. A edição da Lusitania Editora, em excelente papel, peça por ser mal revista, facto que os editores reconhecem e explicam;

A. de A.



# PAGINA INFANTIL

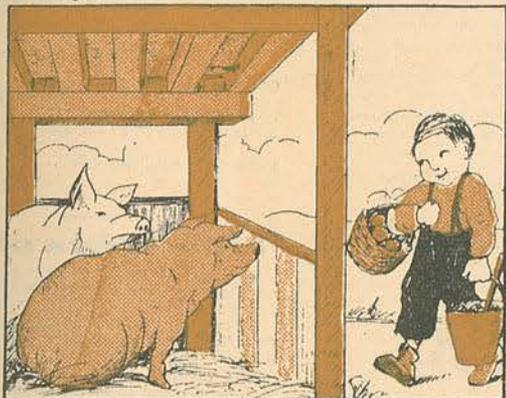
## UM BOM TRATADOR DE PORCOS



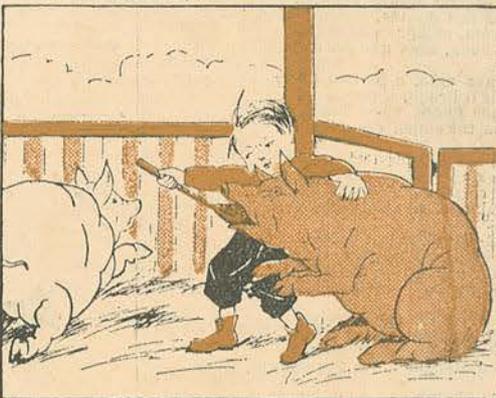
1-COM QUE ENTÃO, MEU RAPAZ, TU QUERES VIR TRATAR DOS MEUS PORCOS ?



2-POIS AQUI OS TENS E VÊ LÁ COMO CUIDAS D'ELES. NÃO OS DEIXES EMAGRECER.



3-DURANTE DIAS E DIAS O CHICO NÃO FEZ MAIS QUE ACARREJAR COMIDA PARA OS PORCOS.



4-E TANTA COMIDA LHEZ LEVOU E ELES TANTA COMERAM COM VONTADE OU SEM ELA...



5-QUE UM BELO DIA UMA FORTE INDEGESTÃO FÊ-LOS ESTOIRAR COMO PETARDOS.



6-E PDR TANTOS CUIDADOS O POBRE TRATADOR TEVE COMO PAGA O QUE SE ESTÁ VENDENDO.

# ESFINGIA



E' meiga nò doce olhar  
Daquelle rosto de santa...  
Mas se lhe dá pra brincar,  
E' um constante reinar,  
Diverte-se e planta a manta!

Vejo-a sempre envolvida  
Num berrante cache-cól  
Recatada, presumida...  
Faz parte da sua vida  
Lá para a rua do Sol!

Não é pura fantasia  
O que conto da beldade!  
Gosta de andar na folia...  
Tolo é quem nela se fia...  
Isto rima e é verdade!

E vai assim intrujando  
A formosa Conceição...  
Pra mim, é crime nefando  
Os patos ir depenando,  
Sem ir parar a prisão!

Marcelo Monfort

Certo macaco, uma vez — 2  
Fic u abortio, admirado,  
Por vêr este irracional — 2  
De tres femeas rodeado.

Entre os homens, há também,  
Quem damas possuia, ás tres,  
E depois, negando, afirmou,  
Ser casado uma só vez!

Dois líricos

*Enigma Figurado*

u lóios os meus caudades  
pela minha estirpe...  
na

*Esfingia*

6742  
3  
-----  
20226

Dois líricos

## Decifrações das produções publicadas no numero transitó:

*Enigma*: Vento  
*Charada em verso*: Semicirculo.  
*Charadas em frase*: Argonauta—Adnato  
—Cabo negro— Epica—Constantinopla,  
*Enigma pitoresco*: Eu vos saúdo illustre charadista.  
*Logogrifo*: Salvé, novel charadista.

## ENIGMA

Há quem mil escudos dê,  
A pessoa que disser,  
Qual a cousa que se vê  
No homem, não na mulher,

Bem paten e em qualquer montra,  
Toda a gente a vae achar;  
Quem olhar para o chão encontra  
Essa cousa tão vulgar!...

Na lingua nunca existiu,  
Nem nos dentes, — cousa rara! —  
Porém, sempre restidu  
Na boca, mas não na cára.

Tem a mão, o pé não tem;  
Tem o braço, a perna não;  
E nos dedos vê-se bem,  
Essa tal cousa em questão.

Nas salas, ninguem a topa,  
Nos quartos, nunca faltou,  
Em qua quer conzinha ou copa,  
Sempre essa cousa habitou.

Tem-a o casaco e colete,  
Na calça ninguem a viu;  
N'um espartilho ou corpete,  
Sempre essa cousa existiu.

Em resumo, para findar,  
Digo á sabia lusa gente,  
Que ninguem a vae achar,  
N'um Rei ou n'um Presidente.

Mais dados não posso dar,  
Os que del, já são demais;  
Decifrou?... Venha buscar,  
Mil escudos... nominaes.

Zepédro

## CHARADAS EM VERSO

Com sobréscrito....

Conheço uma rapariga  
Que é sócia da Cruz de Malta!  
Não gosta que alguem a siga,  
Tem uma grande cantiga...  
Promete muito... mas falta!

Ful com ela passelar  
Poz-me a alma em alvoroço...  
E quando a queria beijar,  
Sómente deixava dar  
Dentadinhos no pescoço!

Tem um génio folgasão — 2  
Ou a t.ísteza dum monge  
Conforme a ocasião...  
Faço-lhe adeus com a mão,  
Se a vejo passar ao longe! — 1

## LOGOGRIFO

Sobre os versos—A tempo... de Belmiro

Em Lausanne tem sido discutida  
A questão a que chamam «dos estreitos»,  
4-5-2-7-8-4-1-11-3  
Em todos os seus multiplos efeitos,  
Sem que até hoje nada se decida.

Parece-me impossível que as potencias,  
Em caso tão singular, tão somenos,  
Tenham mandado *ali* nem mais nem  
menos... 4-1-9

Do que as suas mais altas competencias!

E, que sou nestas coisas um podão,  
(isto é, em coisas de diplomacia)  
Com duas *palhetadas* resolvia... 5-6-N  
-9-1-4-12

A dita simplicissima questão,

Ora, olçam cá: onde é que bate o ponto?  
E', segundo os relatos publicados,  
Em serem os estreitos apertados,  
Logo, o remedio é alarga-los. Pronto.

Adiagram

(Dedicado a «Josolicos.»)

Quando eu era pequenino—1-2-3-4—  
5-6-7-8

E jogava o meu rião  
Diziam-me as lindas moças—12-13-9-10  
11-12-13-14

Delta-m'o aqui na mão...

Do 14

## Indicações uteis

No proximo sabado salirão publicadas na *Ilustração Portuguesa* as decifrações das produções insertas neste numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o *quadro de Honra* a quem envle todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocto.

—Todas as produções devem vir escritas em separado, e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originaes quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## Correspondencia da Esfingia

*Imperador X*—Duas missivas recebi de V. Ex.<sup>a</sup> nas quais observei minuciosamente o seu conteúdo, ou fossem setenta e quatro produções charadísticas—e tal nome se deve dar aquillo—e que só uma poderia ser aproveitada, se não estivesse *atejadissima* e portanto sem concerto possivel...

Faça menos, muito menos, mas que sejam publicaveis; é quanto me cumpre dizer ao magnanimo *Imperador X*...

*Lucia Lima*—Não é das minhas attribuições o que V. Ex.<sup>a</sup> me pede; julgo mesmo não ser possivel satisfazer-se, pelo menos, a primeira petição.

*Cartolina*—Com um pequeno retoque, a seu tempo sahirá.

## QUADRO DE HONRA

Violeta—Asorrob—Club do Silencio—Pam—Lucia Lima—Dois líricos—Do 14—A. B. C.—C. Sillel—Tia Aldina—Josolicos—Dama oculta—Cupido—S. Palo—A. Pitta—Alvaro Ferreira—Adiagram—Claro & Moreno—A. D. Lino—Dr. Salolo—F. S. Torres—Rosa Rubra—P. R. I.—Amelia Cordelro—Bahense—A. Souza—Zé Sepol—Quintelo—azul—V. Gomes—Castor & Polux—Analv.

Campeões decifradores do penultimo numero charadístico.